

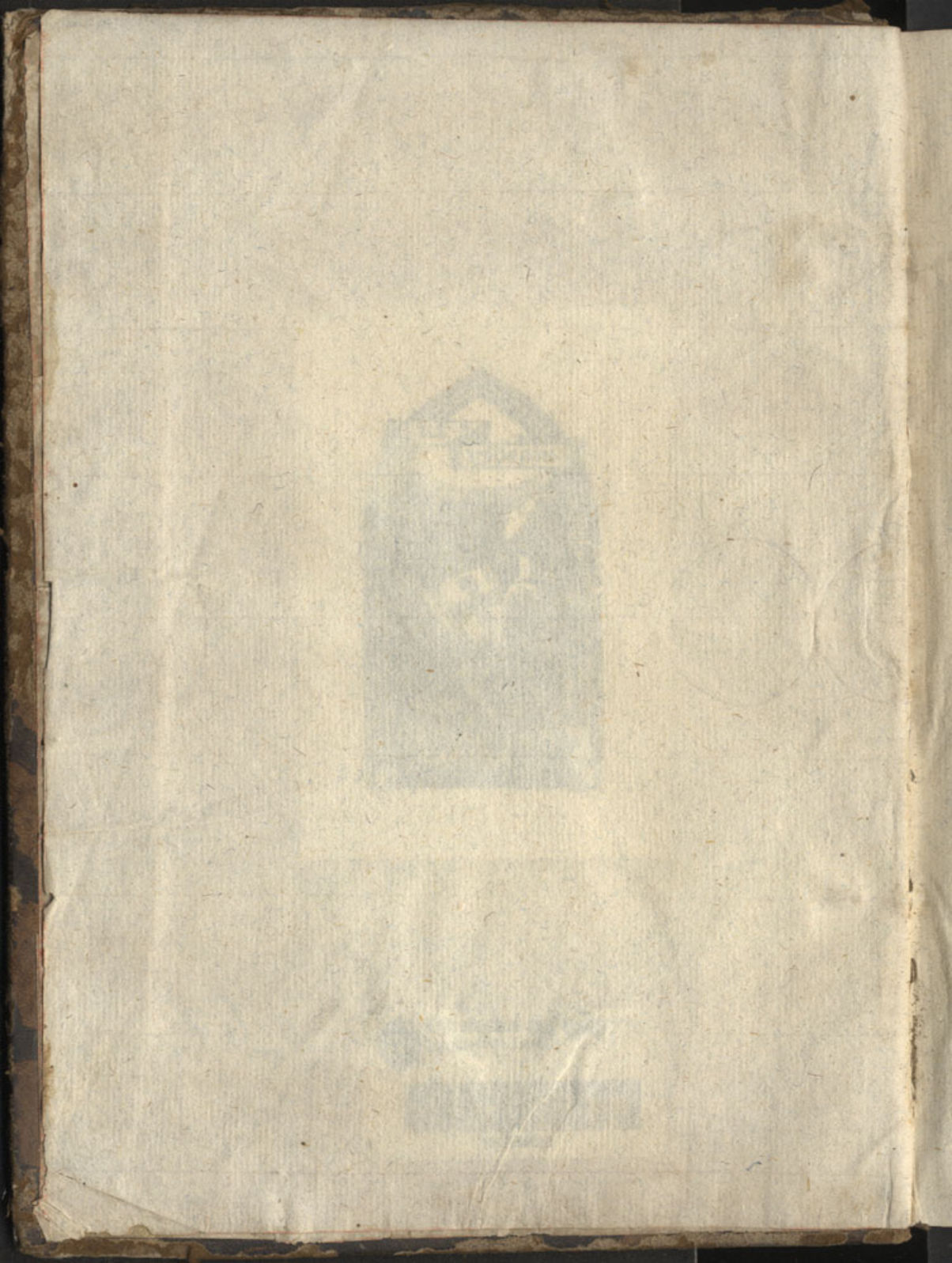


Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras

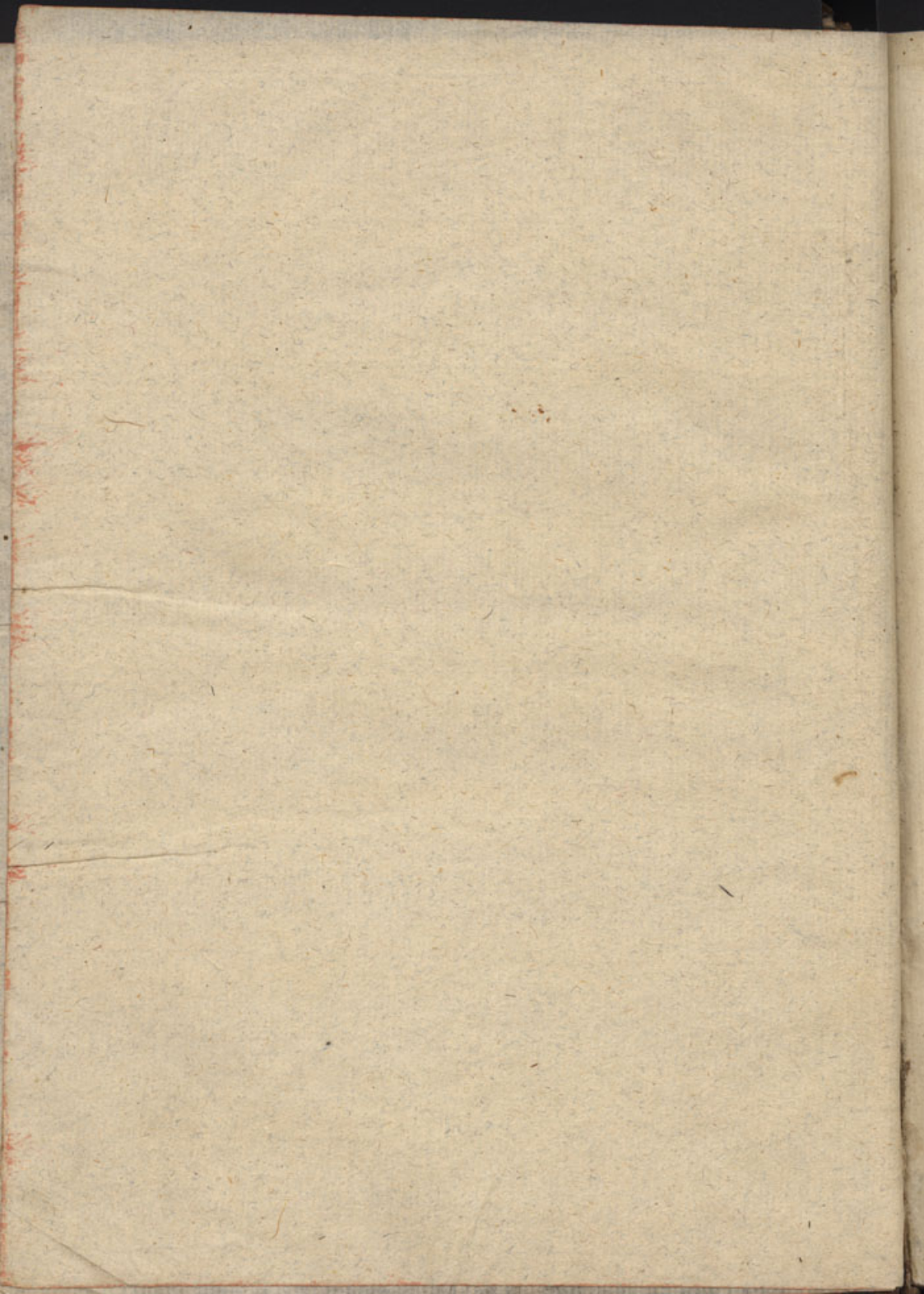


1317809013

950 - 4/12/22



HISTORIA
DE
PORTUGAL
DE SECA BRADO
LIBRO I
TOMO II



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,
HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,

P A R T E I.

T O M O II.

T O M O II.



L I S B O A :

Na Officina de ANTONIO VICENTE DA SILVA

Anno de MDCCLXXXIX. 1789

Com todas as Licenças necessarias.

HISTORIA
DE
PORTUGAL
REINADO
DE
D. JOAQUIM
PRIMEIRO
REI DE PORTUGAL
TOMO II

HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS
açoens, assim politicas, como militares, que obraraõ
os Portuguezes na restauração de Portugal, desde
o anno de 1643. até ao anno de 1656.

ESCRITA POR
D. LUIZ DE MENEZES,

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE
Estado de Sua Magestade, seu Vêdor da Fazenda,
e Governador das Armas da Provincia de Traz
os Montes, &c.

PARTE PRIMEIRA,

Terceira vez impressa, e emendada.

TOMO II.



Sala	ef
Est.	6
Tab.	5
N.º	6

LISBOA:

Na Officina de ANTONIO VICENTE DA SILVA

Anno de MDCCLIX. 1769

Com todas as licenças necessarias.



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS
sucessos, e acções militares que obraram
os Portuguezes na restauração de Portugal, desde
o anno de 1640. ate ao anno de 1668.

ESCRITA POR
D. LUIZ DE MENEZES

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE
Estado de Sua Magestade, ten Vedor da Fazenda,
e Governador das Armadas da Provincia de Traz
os Montes, &c.

PARTE PRIMIRA,

Tercera vez impressa, e emendada.

TOMO II

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



LISBOA:

Na Officina de ANTONIO VICENTE DA SILVA

Anno de MDCCLX.
Com todas as licenças necessarias.



LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

POde-se reimprimir o livro de que se faz menção, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa no Paço de Palhavaã 13. de Março de 1759.

Silva. Trigoso. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

POde-se reimprimir o livro de que se trata, e depois de reimpresso, e conferido, torne. Lisboa 3. de Abril de 1759.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

D O P A C O .

Que se possa reimprimir, vistas as licen-
ças do Santo Officio, e Ordinario, e
depois de impresso tornará á Mesa pa-
ra se conferir, taxar, e dar licença para que
corra, e sem isso não correrá. Lisboa 5. de
Mayo de 1759.

Carvalho. Emaús. D. Velho. Siqueira.

D O O R D I N A R I O .

Po-de-se reimprimir o livro de que se tra-
ta, e depois de impresso, e conferido,
tome. Lisboa 3. de Abril de 1759.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

E Stá conforme o original. Lisboa S. Domingos 14. de Setembro de 1759.

Fr. Francisco Xavier de Lemos.

P Ode correr. Lisboa no Paço de Palhavan 18. de Setembro de 1759.

Silva. Trigozo. Sylveiro-Lobo. Mello.

Do Ordinario.

P Ode correr. Lisboa 26. de Setembro de 1759.

D. J. A. de Lacedemon.

Do Paço.

Q ue possaõ correr, e taxaõ em quinhentos reis cada Tomo. Lisboa 27. de Setembro de 1759.

Com duas Rubricas.

PRO-

PROTESTAÇÃO

O Author desta obra protesta, que tudo o que está nella escrito sujeita á censura da Santa Igreja Catholica Romana, e se confórma com os Decretos dos Summos Pontifices, e em especial com os de Urbano VIII. de 13. de Janeiro de 1625. approvado em 25. de Junho de 1634. e á modificação feita pelo mesmo Pontifice em 5. de Junho de 1631.; e que não he sua tenção, que algumas materias, que contêm esta historia, que pareçaõ milagres, ou successos sobrenaturaes, tenham mais credito ou authoridade, que aquella que merece a noticia, que alcançou destes successos, como historia humana.

O Conde da Ericeira.

HIS.



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO.
LIVRO VII.

Anno
1643

SUMMARIO.



GOVERNA D. João de Sousa de
Traz os Montes : entra em Galliza ;
destroe muitos lugares. Governa a
Beira segunda vez D. Alvaro de A-
branches : queima alguns lugares.
Noticia da ruina do Conde Duque.

Prizaõ de D. Pedro Bonete , effeito della. Morte
de Francisco de Lucena. Manda ElRey sabir Ar-
mada a correr a costa , torna a recolher-se com
pouco effeito. Passaõ Ministros ao Congresso de
Munster. Noticia das embaixadas. Restaura-se o
Maranhaõ. Perde-se Angola. Varios encontros de

Anno
1643

Ceilaõ com os Holandezes , que remataõ felicemente. Ajunta-se o exercito em Alem-Tejo. Ganha Mathias de Albuquerque Montijo. Retira-se, e no campo daquella Villa o busca o Baraõ de Molvinguen com o exercito de Castella. Dá-se batalha: perdem-na os Castelhanos. Encontros varios depois da batalha. Junta hum grande exercito o Marquez de Torrecussa. Sitia Elvas: defende-a Mathias de Albuquerque com grande valor: retira-se o exercito de Castella.

Successos
de Traz
os Montes
que gover-
na D. Joaõ
de Sousa.

Nomeou ElRey por Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes a D. Joaõ de Sousa da Silveira, que com grande opiniaõ exercitava em Alem-Tejo o Posto de Mestre de Campo. Entregou-lhe a Provincia Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, que ElRey chamou a Lisboa por injustas queixas que os Povos daquella Provincia lhe fizeraõ do procedimento de seus irmaõs: porque ainda que com algũas circumstancias excederaõ a regularidade conveniente, não foraõ os excessos de qualidade, que merecessen taõ áspera demonstraçaõ, como tirar ElRey o posto a Rodrigo de Figueiredo, merecendo o seu zelo, e valor differente recompensa. Tanto que D. Joaõ de Sousa chegou a Villa Real, primeiro, e visto o Lugar daquella Provincia, teve aviso de Chaves que o inimigo ajuntava em Monte-Rey doze mil Infantes, e dous mil Cavallos com intento de atacar aquella Praça. Pareceo-lhe que era encarecimento dos que receavaõ o golpe: porẽm repetindo-se por varias partes a mesma noticia; partio para Chaves, entrou na Praça, e animou os moradores, que estavaõ com grande receyo do perigo que os ameaçava. Mandou logo tomar lingua, e constou da confislaõ de alguns prisioneiros, que as Tropas estavaõ juntas, e a Infantaria marchava de todas as partes. Com esta noticia chamou D. Joaõ algumas Companhias da Ordenança; guarneceo, e preparou a Praça o melhor que lhe foy possível: e o inimigo, constando-lhe desta prevençaõ, suspendeo a entrada. D. Joaõ de Sousa antes de saber que se havia desvanecido, como o inimigo ameaçava

çava todos os lugares da fronteira, mandou corrê-los, e preveni-los por seu filho D. Manoel de Sousa, assistido do Sargento mór Ascenso Alvares Barreto, soldado de conhecida reputação. Fizeraõ elles toda a diligencia por guarnecer os lugares mais perigosos, e voltáraõ para Chaves. D. João, querendo averiguar a causa do inimigo suspender a entrada, mandou tomar lingua, e para facilitar este intento, deo 300. Infantes, e 50. Cavallos a Ascenso Alvares Barreto, e a D. Manoel de Sousa, com ordem que se emboscassem no Lugar de Villarelho, destruido na Raya do inimigo, que adiantassem os 50. Cavallos a hum mato visinho da Atalaya do Torraõ, aonde todos os dias vinha huma Tropa a descobrir a campanha. Conrespondeo o successo á disposiçãõ, porque chegando a Tropa com pouca cautela, a carregáraõ os 50. Cavallos, e lhe tomáraõ 23. Constou dos soldados prisioneiros, que o poder que se havia unido era menor do que se publicara, e que ja estava dividido. Com esta noticia determinou D. João executar a ordem, que EI Rey lhe tinha mandado, de entrar em Galiza para diversãõ dos progressos de Alem-Tejo: e com este intento passou a Bragança, e com o mayor segredo, que lhe foy possível, ajuntou 800. Infantes, e 60. Cavallos, e marchou contra o Lugar de Pedralva, cinco legoas de Bragança, e sendo sentidos, se recolhéraõ os Gallegos a hum reducto de faxina, que haviaõ levantado fóra do Lugar: porêm não se dando por seguros nelle, se retiráraõ a outro de pedra, e cal, que tinhaõ dentro da Villa no adro da Igreja, a que se attacava a fortificação. D. João de Sousa repartio a Infantaria em tres Corpos, e quando marchava para o assalto ao reducto, appareceo alguma gente do inimigo, que havia sahido a foccorrer Pedralva da Puebla de Senabria, huma legoa distante, que servia de Praça de Armas. Ordenou D. João que marchassem a se oppor a esta gente duas Companhias de Infantaria, e os 60. Cavallos, e com o resto do poder continuou a empreza, entregando a execuçãõ della a Affonso Alvares. Investi- raõ os soldados o reducto, e animosamente o entráraõ. Os defensores, deixando 40. mortos, se retiráraõ á Igreja,

Anno 1643

Ascenso Alvares, o D. Manoel de Sousa derrotaõ hũa Tropa.

Fora em Galiza, e com o mayor segredo, que lhe foy possível, ajuntou 800. Infantes, e 60. Cavallos, e marchou contra o Lugar de Pedralva, cinco legoas de Bragança, e sendo sentidos, se recolhéraõ os Gallegos a hum reducto de faxina, que haviaõ levantado fóra do Lugar: porêm não se dando por seguros nelle, se retiráraõ a outro de pedra, e cal, que tinhaõ dentro da Villa no adro da Igreja, a que se attacava a fortificação.

Ganha D. João de Sousa Pedralva.

4 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno
1643

A
Alvarez
D. M.
de Souza
de T.

Entra em
Galliza, e
deftroe
muitos
lugares.

ja, e das frestas della feriraõ alguns soldados nossos. Estimulados os mais deste damno, avançaraõ a porta, e entendendo os de dentro que a levavaõ, se renderaõ 160. que a defendiaõ. Os da Puebla se retiraraõ sem intentar o foccorro, e D. Joaõ mandou saquear, e queimar Pedralva; e depois de arruinados os reductos, se retirou para Bragança. Dentro de poucos dias passou a Miranda, nove legoas distante, para ver aquella Cidade, e acudir ao reparo della. Logo que chegou, teve noticia que o inimigo sahira de Monte-Rey, e marchava para Entre Douro e Minho com 15. Companhias de Infantaria, e 400. Cavallos, para que unindo o poder de hum, e outro partido, se intentasse recuperar Salvaterra, que o Conde de Castello-Melhor havia ganhado. Tanto que chegou este aviso, passou D. Joaõ para Chaves, e passou ordens a todos os Capitães Móres dos lugares visinhos, para que se achassem naquella Praça com a gente que estava á sua ordem. Acudiraõ só 800. homens de Mirandela, e 2000. do Conselho de Barroso. Com estes, e 500. Infantes pagos, 140. Cavallos, e duas peças de artilheria, entrou D. Joaõ de Sousa em Galliza pelo lugar de Meixedo, e avançou a Cavallaria a huma ferra da outra parte do Valle de Salas, sitio accommodado para observar todos os movimentos do inimigo. Feita esta diligencia, entrou D. Joaõ com a Infantaria no Valle de Salas taõ fertil, e povoado, que em sete legoas de terra que se contaõ de Meixedo a Monte-Rey, havia mais de 40. lugares, que D. Joaõ destruiu, e saqueou, e ainda que alguns se defenderaõ, foraõ entrados á custa das vidas de 25. soldados nossos, e muitas dos inimigos. Tres dias se deteve D. Joaõ, no fim delles se retirou para Chaves á vista de Monte-Rey com a mayor preza, e o mayor despojo, que até aquelle tempo havia entrado em Portugal. Os Gallegos, tanto que souberaõ que D. Joaõ havia chegado ao Valle de Salas, chamáraõ o foccorro, que haviaõ mandado a Entre Douro e Minho, e unidas as Tropas pagas á gente da Ordenança, entraraõ nos campos de Chaves. Chegou este aviso a D. Joaõ de Sousa a tempo, que, tendo despedido a gente que havia convocado,

do, se não achava mais que com 400. Infantes, e 40. Cavallos. Mandou ao Tenente Manoel Peixoto de Azevedo com os 40. Cavallos a reconhecer o inimigo. Empeñhou-se elle desorte nesta diligencia, que quando se quiz retirar, achou que estava cortado das Tropas Castellanas. Reconhecendo o perigo, se resolveo valorosamente a salvar a Tropa, ou perder-se pelejando. Com este generoso intento exhortou aos soldados, e achando em todos igual determinação, cerráão desorte a Tropa, que parecendo todos hum só corpo, logrãão o privilegio da virtude unida. Rompêrao pelos inimigos ás cutiladas, e pistoletas, e perdendo só quatro soldados, á custa de muitas vidas, se retirãão a Chaves. O inimigo queimou oito lugares, os mais delles destruidos, tornando-os a povoar poucos moradores pelos interesses de alguns fructos. D. João de Sousa, não querendo que a ultima acção fosse do inimigo, chamou com apertadas ordens a gente da Ordenança: porém foy taõ mal obedecido, que donde esperava 2000. homens, lhe não vierãõ cento, dando os Povos por desculpa, que não podiaõ pagar decimas, e assistir na guerra. Com a noticia desta desordem se valeo o inimigo della: entrou sem opposição pela parte de Monte Alegre, queimou alguns lugares, e retirou-se com grande preza. O mesmo fez outro Troço pela parte de Bragança, mas em huma, e outra entrada perdeo muitos soldados, que matãão os lavradores, defendendo as familias, e as casas. Vendo D. João de Sousa a Provincia taõ opprimida, determinou recompensar com igual damno dos Lugares do inimigo, o que os nossos padeciaõ. Mandou Ascenso Alvarres Barreto com 600. Infantes, e 200. Cavallos a queimar o Lugar de Lubiaõ, cinco legoas da Raya. Estavaõ alojadas nelle sete Companhias pagas: porém não lhes valendo a resistencia, foy o lugar entrado, e saqueado, finalando-se D. Manoel de Sousa nestas, e nas mais emprezas com particular valor. Deste lugar passãão a outros cinco, que tambem entrãão, e retirãão-se sem avistarem as Tropas inimigas. Dava grande cuidado a D. João de Sousa a repugnancia que os Poyos mostravaõ de

Anno
1643

Retirada
valerosa
de Manoel
Peixoto.

Entradas
do inimigo
com
bom
succello.

Satisfa-
ção que
D. João
tomou
dos Gallegos,

6 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno
1643

acudir as occasiões, que se offerenciaõ, cançados do continuo exercicio da guerra: porêm resolveo-se a não apertar com elles, considerando o muito que padeciaõ, que podia ser mais perigoso em huma Provincia aberta o seu enfado, que util o seu castigo. E para que de todo não ficasse sem recompensa o damno, que o inimigo occasionava áquella Provincia, ordenou a todos os Capitães môres que elegessem nos seus districtos Capitães, e que entregasse a cada hum delles 50. mosqueteiros, com os quaes pudessem entrar em Castella, ora unidos, ora separados, todas as vezes que lhes parecesse conveniente; e que toda a preza, que trouxessem, lhes concedia El-Rey livre para a repartirem entre si igualmente. Esta disposiçaõ foy muito util, porque em varias partes daquella fronteira recebeo o inimigo grande damno: porêm não se deve imitar este exemplo, podendo bastar qualquer atençaõ dos contrarios para destruir corpos tão distinctos, e mal disciplinados, que leva a ambiçaõ da preza a perigos que ignora por falta de experiencia da guerra, que forçosamente padecem os que a não tem por officio. Acabou-se em Traz os Montes a deste anno com huma entrada, que fez D. Manoel de Sousa com 300. Infantes, e 30. Cavallos: queimou hum lugar rico de 160. visinhos com morte de 70., e retirou-se pondo fogo a algumas Aldêas. E não pareça excessõ o que se tem referido, e referirá ao diante das Provincias de Traz os Montes, e Entre Douro e Minho dos muitos lugares que de huma, e outra parte se destruiãõ: porque a abundancia destas Provincias he de qualidade, que raras vezes se acha valle, nem monte, que não tenha cultura, ou povoação, e muitos destes Lugares se destruiãõ, e logo se tornavaõ a povoar, cobrindo-se a pouco custo as paredes que se não arruinavaõ, porque era mais facil aos moradores exporem-se a segunda, e terceira desgraça, que deixarem de fabricar as terras, que lhes serviaõ de unico alimento.

A' instancia dos Povos da Provincia da Beira nomeou El-Rey segunda vez a D. Alvaro de Abranches por Governador das Armas della. Nos primeiros dias de Abril che-

chegou a Coimbra, onde comprou alguns cavallos para remonta das Tropas, e passou logo a visitar todas as Praças, procurando que ficassem bastecidas o melhor que era possível. Dilatou-se nesta occupação até o mez de Julho, e neste tempo lhe chegou a ordem delRey, que se repartio por todas as Provincias, para entrar em Castella com o mayor poder que lhe fosse possível. Prevenio mil Infantes, e cem Cavallos, publicando que os mandava de socorro ao exercito de Alem-Tejo, e entregou esta gente ao Thenente de Mestre de Campo General Fernão Telles Cotaõ com todas as prevenções necessarias para huma interpreza. Deo-lhe ordem que marchasse, com o mayor silencio, que lhe fosse possível, a attacar a Villa de Alcantara situada junto do Tejo da outra parte do rio, sendo preciso passar-se a ella por huma grande ponte, que o inimigo havia fortificado. Partio Fernão Telles da Guarda, e seguio-o D. Alvaro com 2000. Infantes, e 300. Cavallos. Fernão Telles foy alojado a Penamacor, chegou a Proença, e depois de passar o rio Touroens, vadeou o Elges, por levar pequena corrente. Tanto que cerrou a noite, tendo andado algumas legoas por dentro de Castella, erraõ as guias o caminho, e quando amanheceo se acháraõ muito distantes de Alcantara. Vendo desvanecida a interpreza, foraõ de parecer os Capitaens, que se destruíssem alguns lugares abertos do inimigo. Não se accommodou Fernão Telles com esta opiniaõ, e retirou-se para Salvaterra. D. Alvaro, que se havia adiantado da gente que levava, com 400. Infantes, e 200. Cavallos para esforçar a empreza de Alcantara, tendo aviso do máo successo de Fernão Telles, se resolveo a encorporar toda a gente, e entrar com ella a queimar alguns lugares. Affim o executou em Pedralvas, e Estronilhos. Chegou á vista de Alcantara, e vendo que lhe não era possível attacar a fortificação da ponte, porque pedia mayores prevenções, e mayor dilação da que permittiaõ as poucas munições, e mantimentos que levava, se retirou, custando-lhe muito trabalho deter a furia dos soldados, que determinavaõ investir sem ordem a fortificação da ponte. No caminho castigou rigorosamente os moradores de Pe-

Anno
1643
Successos
da Beira,
que torna
a gover-
nar D. Al-
varo de
Abrãches,

Desvane-
ce-se a in-
terpreza
de Alcan-
tara,

Anno
1643

dralvas por haverem morto quatro soldados nossos a sangue frio. Alojou em Segura, passou a Monfanto; e poucas horas depois de chegado, teve noticia que o inimigo havia entrado pelo termo de Sabugal, mas com pouco effeito. Querendo satisfazer-se, mandou Bernardo Pereira Governador de Monfanto com 300. Infantes, e 60. Cavallos a interprender o Castello de Payo. Marchou elle por Naves-Frias sem ser sentido, mas chegou a Payo depois de amanhecer: fagueou, e queimou o lugar, e parecendo-lhe impraticavel investir o Castello, havendo o inimigo ganhado muitas horas para se prevenir, resolveo retirar-se; porêm com pouco acordo mudou de opiniaõ, e mandou aos soldados arrimar as escadas, que traziaõ, ao Castello. Obedecêraõ elles, mas com taõ máo successo, que sendo rechaçados se retiráraõ, deixando-as arrimadas. Recolheo-se Bernardo Pereira trazendo algũs feridos sem poder remediar esta desordem. Neste tempo teve D. Alvaro noticia que o inimigo fabricava hum grande alojamento no Castello de Alvergaria, hum dos melhores daquelle districto. Deliberou-se a intentar a conquista do Castello, ajuntou 6000. Infantes, 400. Cavallos, e duas peças de artilheria, e com este poder sahio do lugar da Nave a 29. de Agosto, antes de cerrar a noite. Quando amanheceo chegou a Alvergaria; entrou na Villa; que era de 300. visinhos com pouca resistencia, e por dentro das casas chegáraõ os soldados junto do Castello. Estava taõ bem guarnecido, que os Castelhanos não quizeraõ cerrar as portas, por mostrar que desprezavaõ o assalto. Jugáraõ as duas peças contra a muralha com pouco effeito, respondiaõ os Castelhanos com fete; atirava de huma, e outra parte a mosquetaria, e vendo hum Capitão Francez chamado Mongroy que era sem fim continuar daquella forte o ataque, se deliberou a investir a porta do Castello que estava aberta. Acompanharaõ-no alguns soldados, e a quasi todos, entrando nelles Mongroy, custou a vida a resoluçaõ. D. Alvaro, reconhecendo que fora intempestivo o empenho, que havia tomado, sem levar as prevençoens necessarias, se resolveo a se retirar: repugnaraõ-no os Officiaes, e gente nobre da

Entra D.
Alvaro
em Alver-
garia.

Provincia, offerecendo-se a dar o assalto ao Castello. D. Alvaro, tendo por impossivel conseguir a empreza, se retirou, depois de obrigar algumas Tropas do inimigo, que marchavaõ de soccorro ao Castello, a fazerem o mesmo. Aquartelou-se em Alfayates com a gente que levava, e entendendo que o inimigo podia fazer alguma entrada, a deteve 20. dias; porẽm a mais della se licenciou por falta de mantimentos. Pouco tempo depois do m̃o successo desta jornada, mandou D. Alvaro de Abranches a Lourenço da Costa Mimoto, com 400. Infantes, e 80. Cavallos a correr a campanha de Alcantara. Aguardava-o o inimigo com mayor poder: retirou-se, chegando-lhe a tempo esta noticia de o poder executar. Na mesma noite, que chegou, o mandou D. Alvaro queimar Moralejo, Lugar de 200. vizinhos, duas legoas da Cidade de Coria, e cinco de Salvaterra. Marchou Lourenço da Costa por entre Salvaterra, e Penagarcia: entrou-o; e queimou-o, e retirando-se com grande despojo, achou no caminho 300. Infantes, e 80. Cavallos do inimigo, que o esperavaõ; pelejou com elles, e obrigou-os a se retirarem com morte de alguns soldados. No mesmo tempo entrou em Castella Popolinier, Francez de nação, Commisario da Cavallaria com cem Cavallos, e 50. Dragoens pela parte de Ribacõa: queimou seis lugares abertos, e retirou-se com grande preza. O inimigo, sabendo que D. Alvaro estava em Almeida com pouco poder, veyo correr aquella campanha com 200. Cavallos: sabio D. Alvaro acompanhando-o 60., e alguma Infantaria, e obrigou os Castelhanos a se retirarem. Passados estes pequenos encontros, veyo ordem delRey a D. Alvaro para que marchasse a Alem-Tejo a se unir ao exercito que entrou em Castella aquelle Outono. Ajuntou D. Alvaro de Abranches para este effeito mil Infantes pagos, mil da Ordenança, e 300. Cavallos, e sabio de Alfayates, deixando nas Praças a guarnição da gente da Ordenança, que lhe foy possivel unir. Chegando ao Sabugal, onde determinava nomear quem ficasse em sua ausencia governando aquella Provincia; teve aviso, que chegára a Freixo de Espada á cinta hum Clerigo Portuguez, que

Anno
1643

Retira-se
da expugnação do
Castello.

Ruina-se
Cende
Duque de
que se dá
noticia.

Queima-se
Moralejo, e outros
lugares succiosos.

Retirado
Castello
soccorro
com
o Castello
de
sug

affir-

Anno
1643

Castella

Castella

Castella

Sebastião
Cardoso
foccorre
com valor
o Castel-
lo de Se-
gura.

affirmava, se prevenia o Duque de Alva para attacar Almeida, tanto que elle sahisse da Provincia: verificou-se por outras vias esta noticia, e pareceo-lhe a D. Alvaro bastante motivo para desistir da jornada de Alem-Tejo. Voltou para Villar Mayor, e o inimigo com este aviso despedio a gente da Ordenança que juntara; mas com algumas Tropas pagas entrou em Portugal; retirando-se com grande preza. Seguiu a retaguarda o Mestre de Campo D. Sancho Manoel (que havia chegado de Lisboa livre das calumnias que lhe embarçavaõ a assistencia do seu posto) tirou a preza aos Castelhanos, e fez retirar as Tropas com algum damno. Sem outro successo digno de memoria se passou na Provincia da Beira até o fim de Novembro. E como neste tempo, depois de rendida Villa-Nova del Fresno, se havia retirado o nosso exercito, mandou o Conde de Santo Estevão 1500. Infantes, e 300. Cavallos á ordem do Duque de Alva, desejando que por aquella Provincia, como mais aberta, se conseguisse alguma facção de importancia. Chegou este aviso a Sebastião Cardoso, Juiz da Alfandega de Salvaterra, e juntamente de que todas as Tropas do inimigo se preveniaõ para entrar por aquella parte: communicou esta noticia a Fernão Telles Cotaõ, que governava Salvaterra, e logo deraõ conta a D. Alvaro de Abranches, e fizeraõ prevenir todas as Praças vizinhas. Quando o aviso chegava a Segura, appareciaõ as Tropas do inimigo. Constava a guarnição do Castello de cem soldados pagos, e alguns moradores, mas com tanta falta de muniçoens, que poucas horas poderiaõ defender-se. Constando a Sebastião Cardoso o perigo do Castello de Segura, se offerreceo valorosamente a Fernão Telles para lhe introduzir algumas muniçoens. Naõ era razaõ divertir-se taõ generoso intento, e deixando Fernão Telles á sua disposiçaõ o soccorro, escolheo Sebastião Cardoso 32. Cavallos de 50. que estavaõ em Salvaterra, e repartindo-lhe pelas garupas as muniçoens que puderaõ levar, marchou com elles, fazendo circulos pelos caminhos mais encobertos. Chegou de dia á vista do Castello, e sem dilacão cerrando a Tropa, rompeo com tanto valor por algumas do

ini-

inimigo, que se lhe oppuzeraõ, que perdendo só tres soldados entrou no Castello. Esperavaõ-no fóra d'elle 50. mosqueteiros: porque tanto que deraõ vista da sua re-olução, sahiraõ a facilitar-lhe o caminho. Os Castelharos vendo o Castello foccorrido, e desbaratadas com o novo Defensor algumas intelligencias, que tinhaõ dentro d'elle, se retiráraõ sem outro effeito.

Anno
1643

Naõ foraõ este anno os successos politicos menos para escrever, que os militares. No principio d'elle succedeo em Madrid a ruina do Conde Duque de Olivares, que como teve tanta parte nos negocios de Portugal, naõ he apartar-nos da historia, particularizar as circumstancias desta materia, tomando os principios da fortuna do Conde Duque, para ficarem mais claros os motivos da sua desgraça. Chegou a Madrid D. Gaspar de Gusmaõ Conde Duque de Olivares depois da morte de seus pays D. Henrique de Gusmaõ, e D. Maria Pimentel, e de seu irmaõ mais velho D. Jeronymo de Gusmaõ. Achou primeiro mobil dos negocios da Corte o Duque de Lerma colhendo no occaso de Filippe III. os ultimos rayos da sua luz. Era voz commua, que persuadido o Conde Duque de caracteres Magicos, a que indignamente se havia applicado, vaticinando a El Rey vis nha a morte, se resolvêra a sollicitar por todos os caminhos a valia do Principe, e a procurar, empenhando toda a destreza, a aura da Corte. Para conseguir hum, e outro intento, concorriaõ na sua pessoa os mayores requisitos: porque a disposiçaõ era galharda, a discriçaõ excellente, a liberalidade grande, achando nos cabedaes que herdou de seu pay, dilatados meyo de exercitar esta virtude. E avaliando-a pelo mais certo caminho de alcançar a valia dos Principes, que ordinariamente se governaõ mais pela informaçã dos que lhe assistem, salariados de quem por mais preço os compra, que pelo merecimento daquelles em quem empregaõ a sua affeicã, e a que entregaõ no seu peito a sua Monarchia. Começou o Conde a pôr em practica estas idéas com singular destreza, e mayor fortuna: porque naõ fazia acçaõ; de que lhe naõ resultasse grande louvor, nem despeza, de que se lhe naõ seguísse ma-
yoy

Ruina do
Conde
Duque, de
que se dá
noticia.

Anno
1643

yor utilidade. Galanteava no Paço a D. Ignez de Zuñiga e Velasco, filha do Conde de Monte-Rey, sua prima com-irmã, e depois sua mulher, e conseguia darem-lhe o primeiro lugar, assim no dispendio, como no acerto de todas as funções do galanteo. E no mesmo tempo deste exercicio se soube intoduzir desorte entre a defuniaõ do Duque de Lerma, e seu filho o Duque de Uzêda, nos quaes a ambição, derogando as leys da natureza, havia enthronizado o absoluto, e infeliz imperio da inveja; porêm a igualdade da valia de ambos lhes facilitava partirem entre si a Monarchia. Concertado o Principe D. Philippe para casar em França, alcançou o Conde Duque o que mais anhelava, que era ser nomeado por Gentil-homem da sua Camara. Tanto que entrou nella, começou a grangear desorte a vontade do Principe, facilitando-lhe os exercicios de que só se pagaõ os primeiros annos, e suave prizaõ a que voluntariamente os Principes se entregaõ, que reconhecendo o Duque de Lerma o seu espirito, e receando o seu artificio, pertendeo apartá-lo da Corte com a offerta da Embaixada de Roma, mayor lugar do que mereciaõ os seus poucos annos. Penetrou elle facilmente que a origem desta fortuna era querer o Duque que elle se perdesse, e neste sentido fazendo jactancia de merecer de 24. annos hum dos mayores lugares daquella Monarchia, para se livrar de taõ decoroso embaraço, recorreo ao Duque de Uzêda, segurando-lhe o seu patrocínio ser idéa de seu pay apartá-lo da Corte, consentio por este caminho ficar livre da Embaixada de Roma. Vendo o Duque de Lerma desvanecido este intento, lhe pedio que trocasse a chave dourada da Camara do Principe pela delRey. Repulsou elle descobertamente esta practica, e soube com muita destreza intoduzir no coração do Principe a sua fineza. Multiplicou o Duque de Lerma as diligencias, ora intentando a força, ora tentando a manha; porêm sempre prevaleceo a industria do Conde Duque: e querendo ferir pelos mesmos fios, soube accrescentar de maneira a discordia entre os dous Duques, pay, e filho, que sendo efficaz instrumento Fr. Luiz de Aliaga Confessor delRey, ten-

Reino do
Conde
Duque
de Lerma
noticia.

Schellias
Cardos
focome
com valor
o Castel
lo de Se-
gura.

tendo ja o Duque de Lerma o Capello de Cardeal, (que grangeou para retiro da desgraça que o ameaçava) se resolveo ElRey com espanto universal a mandá-lo sair da Corte. Depois da desgraça do Duque de Lerma, logrando toda a valia o Duque de Uzêda, passou ElRey a Portugal, e voltando para Madrid, acabou a vida. Achava-se neste tempo o Conde em Sevilha, para onde havia passado com o fim de accrescentar os empenhos da sua casa, para sustentar os appetites do Principe, que corriaõ por conta dos seus cabedaes, semeando-os como bom lavrador em terra nova com a certeza de se lhe multiplicarem os fructos. Havia deixado, assistindo em seu lugar ao Principe, a D. Balthazar de Zuñiga seu tio, que o amava com affectos de pay. Era hum dos mais acreditados Ministros daquelle tempo, e as suas virtudes lhe haviaõ grangeado a preeminencia de Ayo do Principe. Com todos estes requisitos caminhou D. Balthazar a introduzir no animo do Principe a inclinação do Conde, e de todo ficou segura com a sua industria. Vendo D. Balthazar que a doença delRey o conduzia á morte, mandou chamar o Conde a Sevilha: chegou com brevidade, e constando-lhe que o Duque de Lerma, tendo noticia da morte delRey, caminhava para a Corte, obrigou ao Principe a que passasse ordem que se retirasse, a que elle sem replica obedeceo. Morto Filippe III., tomou posse da Coroa seu filho Filippe IV. a 31. de Março do anno de 1621., e no mesmo dia da Monarchia de Hespanha o Conde Duque de Olivares. A primeira diligencia, que fez para estabelecer o seu imperio, foy lançar da Corte o Duque de Uzêda, o Confessor delRey defunto, e todas as pessoas obrigadas por beneficios a este partido. Introduzio na Camara delRey, e lugares mayores, todos seus parentes, e aliados, e a estas politicas ajuntou todas as que podiaõ servir-lhe de segurança, não perdoando, por sustentar o seu poder, a quantos excessos enfraquecêraõ aquella Monarchia, como largamente referem todas as historias deste tempo.

Chegou o anno de 1642., e levando o Conde Duque infelizmente ElRey á guerra de Catalunha, ficou

Anno

1643

Sahe da
Corte o
Duque de
Lerma
Cardeal.

Entra na
valia de
Filippe
IV. o Cõ-
de Duque.

Anno
1643

A Rainha
he instru-
mento da
sua ruina.

A Duque-
za de Mã-
tua infor-
ma a El-
Rey do
que igno-
rava.

Carta do
Impera-
dor.

cou a Rainha governando em Madrid com grande acci-
tação de seus Vassallos, reconhecendo todos os muitos qui-
lates da sua prudencia, que até aquelle tempo lhe não dei-
xáraõ manifestar as prizões que lhe havia lançado a tyran-
nia do Conde, e Condessa de Olivares sua Camareira mór.
Foy este o primeiro eclipse que teve a valia do Conde
Duque: porque a Rainha com a liberdade de governar re-
conheceo todos os passos do labyrintho daquella Corte, e
tanto que ElRey voltou de Catalunha, lhe manifestou
quanto havia alcançado nesta materia. Mostrou-lhe com
evidentes provas, que das maliciosas politicas do Conde
se origináraõ os graves danos daquelle Imperio. ElRey,
fazendo reflexão na prudencia que a Rainha havia mos-
trado no tempo que governou, começou a dar mais cre-
dito ás suas proposiçoens, e a Rainha, vendo que o fogo
achava materia, lhe applicou novos incentivos. Avisou
occultamente á Duqueza de Mantua (que estava deti-
da em Ocanha por ordem do Conde Duque, porque re-
ceava que ella fallasse a ElRey nos successos de Portugal)
que viesse á Corte com pretexto de não poder tolerar o
máo trato que padecia, que era desorte, que chegava
a sustentar-se das esmólas dos Conventos. Não dilatou a
Duqueza dar esta ordem á execucao, chegou a Madrid,
facilitou-lhe a Rainha audiencia delRey a pezar da indus-
tria do Conde. Fez a ElRey hum largo discurso, em que
lhe mostrou claramente, que os excessos, e erros do Con-
de Duque foraõ quasi total causa da separação de Portu-
gal, e entregou-lhe varios papeis, e cartas da sua letra,
que justificavaõ esta verdade. Ouvio ElRey a Duqueza
com grande attençaõ, e a esta noticia ajuntou a Rainha
outra diligencia não menos effcaz, que foy huma carta
que fez vir do Imperador para ElRey. Presentou-lha o
Marquez de Giæna seu Embaixador naquella Corte, e
continha dilatadas provas, que faziaõ ao Conde Duque
author de todas as desgraças de Hespanha. Vacilava com
todos estes combates o animo delRey: porém não se aca-
bava de resolver, ligado da astucia do Conde Duque. Com
a noticia deste primeiro movimento pedio elle licença a
ElRey para se retirar para hum Lugar seu chamado Loe-
ches:

ches: ElRey lhe respondeo, que continuasse como de antes no exercicio do governo. Porém crescéraõ os combates, e rendeo-se a fortuna do Conde envelhecida, e cansada da subsistencia de tantos annos. Não foy menos poderosa a diligencia, que fez D. Anna de Guevarra, a quem ElRey devia o alimento dos primeiros annos, e que sempre estimára por muito zelosa do seu credito, e utilidade. Lançou-a o Conde Duque da Corte por ser dependente do Duque de Lerma, e havia por ordem da Rainha voltado a ella: presentou-se diante delRey, e pedio-lhe que a ouvisse. Deteve-se elle, que hia a entrar no quarto da Rainha, e expôs ella com efficazes razoens o perigoso estado da Republica, e mostrou com evidentes provas, que o Conde Duque era fonte de todas as desgraças, ora lançando da Corte por odio os melhores Ministros para o governo, ora fazendo por capricho o caminhar os exercitos a total ruina: que o remedio de tantos males era resolver-se Sua Magestade a ser Atlante de si mesmo, porque apartando o Conde Duque da sua assistencia, e tomando conhecimento dos negocios, os reduziria a conveniente fórma, e cessaria a murmuração de seus Vassallos, que com triste silencio entendiaõ que da sua omissão procedia a desgraça do seu Imperio, reduzido a tanto aperto, que do florecente estado em que seu pay o deixára, havia o Conde Duque apartado d'elle o Reyno de Portugal com todas as suas dilatadas conquistas; que Catalunha estava quasi toda perdida, Sicilia, e Milaõ vacilantes, Flandes mal seguro, e todos os Reynos arriscados: porque os cabedaes estavaõ extinctos, os Grandes desterrados, e os Povos descontentes. Agradécco ElRey a D. Anna a verdade, zelo, e resolução, que tivera, e ajuntando-se a estas diligencias outras muito efficazes, veyo ElRey a tomar a ultima determinação a 17. de Janeiro. Escreveo da sua propria mão hum escrito ao Conde Duque, em que lhe dizia, que o aperto daquella Monarchia o obrigava a tratar pessoalmente do governo della, e que por este respeito lhe concedia a licença, que lhe havia pedido para se retirar da Corte, dando-se por bem servido da sua pessoa. Attonito o Conde Duque desta resolução,

Anno
1643

Diligen-
cia de D.
Anna de
Guevara
ama del-
Rey.

o 1129
o 10 T

Ultima
resolução
delRey.

Anno
1643

Retira-se
o Conde
a Loeches

Passa a
Toro.

lução, remetteo o mesmo escrito delRey á Condesa sua mulher, que se achava naquelle tempo em Loeches. Tanto que ella recebeo este avião, partio para Madrid em huma Carroça. Chegou pela meya noite, e cuberta de affombro, e de lagrimas, communicou com o Conde seu marido a desgraça de ambos. Intentáraõ desvanecê-la com varias diligencias, e achando cortada a estrada Real, e os atalhos defendidos, se sujeitou o Conde Duque a seguir o caminho de Loeches, que só achava desembaraçado. A 25. de Janeiro entrou em huma Carroça, levando consigo o Padre Ripalda seu Confessor, e caminhou para Loeches seguido de muitos parentes, e amigos seus, mas não consentio que algum delles lhe fallasse, nem no caminho, nem depois em Loeches, tratando de mostrar ao mundo que se entregava todo aos exercicios espirituaes. Tanto que partio de Madrid, chamou ElRey a Conselho de Estado, e disse que havia concedido licença ao Conde Duque para se retirar, que elle por varias vezes lhe havia pedido, e expôs largamente a resolução que tomára de se dedicar ao governo de seus Reynos, e a emendar os desconcertos que os arruinavaõ. Foy grande a fatisfação de toda a Corte, assim do retiro do Conde Duque aborrecido até dos que havia beneficiado, como da disposição, que ElRey mostrava para tratar do governo: porêem durou-lhe pouco tempo a ElRey este virtuoso zelo, tornando facilmente aos primeiros, e antigos habitos. O Conde Duque não assistio muito tempo em Loeches, porque lhe chegou ordem para se retirar para Toro, a que elle sem replica obedeceo. ElRey, querendo dar a entender que o Conde Duque se retirára por sua vontade, continuou nove mezes em mostrar á Condesa sua mulher as mayores apparencias de agrado, deixando lograr-lhe todas as prerogativas da occupação de Camareira mór, e o mesmo favor mostrava a D. Henrique de Gusmaõ Gentil-homem da sua Camara, declarado por filho bastardo do Conde Duque, levando-o a esta extravagancia a morte de sua filha unica D. Maria de Gusmaõ, de pouco tempo casada com o Marquez de Toral. Casou o Conde Duque a D. Henrique de Gusmaõ com D. Joanna de

de Velasco filha do Condestable de Castella, e para conseguir este matrimonio, escandalosamente repudiou D. Henrique a D. Isabel de Anversa mulher de humilde condiçãõ, e baixo trato, e dissimulou a Nobreza de Castella a affronta que padecia, por lizongear o Conde Duque. Porque não só se viaõ nelle todas estas deformidades, senão que se tinha por indubitavel, que D. Henrique não era filho do Conde Duque, por haver nascido de huma mulher que tratava com varias pessoas no mesmo tempo em que o Conde a communicava, e por este respeito se havia criado D. Henrique, a quem chamavaõ antes D. Juliaõ, em casa de D. Francisco Valcazel Alcaide da Corte, assistindo nella em muito humildes exercicios, de que o tirou o desordenado capricho do Conde Duque, para o fazer seu herdeiro, e o levantar á grandeza, que neste tempo lograva. Não contentes os emulos do Conde da sua desgraça, e de terem lançado dos lugares mayores os sujeitos que havia introduzido nelles, receando que as diligencias da Condesa, e de D. Henrique fossem poderosas para abrandar o animo d'EIRey sempre inclinado ao favor do Conde, vieraõ a conseguir, sendo Fr. Joaõ de Santo Thomás Confessor d'EIRey o principal instrumento, estando EIRey em Caragoça, que a 2. de Novembro se desse ordem sua á Condesa para sahir de Madrid, e a D. Henrique de Caragoça, levando a Condesa comfigo a D. Joanna de Velasco, mulher de D. Henrique, digno emprego de toda a lastima; porque havia consentido por força naquelle casamento, e via desvanecida até a apparencia da grandeza de seu marido, ficando-lhe só a baixeza do sangue de que fora gerado. O Conde Duque veyo a morrer em Toro no anno de 1645., e passando por Madrid para Loeches o seu corpo, onde era o seu enterro, estando o Ceo claro, e o Sol sereno, se cobriroã de nuvens, e cresceu desorte em hum instante a tempestade, que com terremotos poucas vezes vistos cahiraõ muitos rayos. Interpretáraõ maliciosamente os Castelhanos que o demonio, com quem murmuravaõ que o Conde Duque tratára em vida, determinava por Divina Providencia tomar posse do seu corpo morto, e

Anno
1643.

Filho sup:
posto do
Cõde Du-
que.

Morte do
Conde
prodigio-
sa.

Anno
1643.

Juizo do
Conde
Duque.

para fundar este discurso, traziaõ á memoria os excessos das Religiofas de S. Placido examinados pelo Tribunal do Santo Officio, e outros desconcertos, que pertendiõ buscar para confirmação destes mal fundados juizos, querendo offender morto o mesmo que idolatraraõ vivo. E com estes, e outros semelhantes defenganos se naõ cança a ambição dos homens de procurar a valia dos Principes, vendo que os que melhor livraõ, naõ escapaõ de testemunhos desta qualidade: e se acaso acontece serem estas vözes verdadeiras, vejaõ o fructo que se colhe da fortuna da valia. Foy D. Gaspar de Gusmaõ, Conde Duque de Olivares, homem de pouca sinceridade, de grande soberba, vaidade sem limite, e de nenhum agradecimento. O seu engenho era elevado, e perspicaz, mas taõ extravagante, e caprichoso, que naõ se contentando jámais de opinioens alheas, destruia sempre as subtilizas proprias. Fallando, era eloquentissimo, e escrevia com grande artificio, e discrição. Havia estudado o que baltava para se tingir de todas as sciencias, mas nenhuma professava com singularidade. A grande experienciã do governo lhe dava presumpção para dizer, que tinha na cabeça as regras Militares, e Politicas de todo o mundo. Era na apparencia dos negocios facil, na conclusaõ difficulosissimo: mas conservou sempre a virtude de se naõ deixar corromper do interesse, antes do seu proprio cabedal acudia muitas vezes aos apertos da Monarchia. Deixava-se tratar de todos os pertendentes, e para ter tempo de assistir ás audiencias, se levantava todos os dias huma hora ante manhaã, sendo a primeira açãõ ouvir Missa, a que commungava. Mas a frequencia dos Sacramentos, que em todos he virtude, parecia nelle, pelos excessos da vida, sacrilegio. Fallava a ElRey tres vezes no dia, pela manhaã, depois do jantar, e á noite. Nestas horas lhe dava conta dos negocios, de que lhe resultava contentamento, encobriendo-lhe os successos, que lhe podiaõ causar enfado. Com estas, e outras artes governou o Conde Duque taõ absolutamente a Monarchia de Hespanha 22. annos, que até aquelle tempo se naõ havia conhecido nella Ministro com mayor poder: porém justificando

ficando o proverbio, de que não ha nó mundo felicidade segura até o fim da vida, veyo a acabá-la em hum deſterro, deixando com as ſuas acçoens pouco applaudida na poſteridade a ſua memoria.

Anno
1643.

A meſma fatalidade do Conde Duque, ſe não com mayor poder, padeceo em Portugal com mayor caſtigo Francisco de Lucena, prezo na Fortaleza de S. Giaõ pelas cauſas de que temos dado noticia. Continuavaõ Francisco Lopes de Barros, e Chriſtovaõ Mouzinho a devaſſa de ſuas culpas; e achavaõ taõ pouco fundamento nas que lhe arguiaõ, que ſeus amigos com eſta noticia o aguardavaõ reſtituido, não fó ás primeiras occupaçoens, mas a mayor favor d'ElRey conhedidamente inclinado ao ſeu grande merecimento: porêm hum novo ſucceſſo deſvaneeo todas eſtas eſperanças. Aſiſtia em Elvas o Conde de Obidos governando as armas da Provincia de Alentejo, e recolhendo-ſe huma partida, que havia mandado tomar lingua a Badajoz, encontrou hum moço que vinha daquella Cidade; prezo, e examinado, acharaõ que ſervia a D. Pedro Bonete Ajudante de Tenente do Meſtre de Campo General, filho de hum Catalaõ, e huma Portugueza, que depois da Acclamação d'ElRey haviaõ paſſado de Catalunha para eſte Reino, onde havia nacido. Levavaõ os ſoldados da partida eſte moço ao Conde de Obidos, que reconheceo logo na ſua perturbação a ſua malicia: apertando-o, declarou que havia paſſado a Badajoz com humas cartas de ſeu amo para D. Joaõ de Garay, e D. Luiz de Lencaſtre, e que entendia que tratava com elles entregar-lhes o Forte de Santa Luzia, que eſtava governando. Feita eſta conſiſſaõ, mandou logo o Conde de Obidos prender D. Pedro Bonete, e accreſcentou-ſe á certeza da ſua culpa paſſar a Elvas de Badajoz hum Holandez, e obrigando-ſe do bom trato que recebeo do Conde, lhe entregou huma carta, que trazia de D. Joaõ de Garay para D. Pedro, que confirmava nas circumſtancias a conſiſſaõ do ſeu criado. Deraõ tratos a D. Pedro: porêm não querendo declarar nelles o ſeu delicto, foy recolhido á prizaõ, aonde entrou a fallar-lhe D. Joaõ da Coſta, e o perſuadio a que confeſſaſſe, o que elle fez com mais in-

Prizaõ de
D. Pedro
Bonete.

Sua con-
ſiſſaõ.

Anno
1643.

dustria que verdade. Disse que, servindo em Catalunha, o chamara o Marquez de Inojosa, que governava as Armas daquelle Estado, e que o mandára viesse a Portugal trazer hum maço de cartas a D. Jozé de Menezes, Governador da Fortaleza de S. Giaõ, e que por satisfação de seu trabalho lhe dera dous mil e quinhentos escudos, e huma cadêa de ouro, e que com este cabedal passára á Arrochela em companhia de outros soldados Portuguezes; e que antes de se embarcar lhe dissera hum delles, chamado Manoel de Azevedo, do Habito de Santiago, que trazia tres cartas, huma do Conde Duque, outra de Diogo Soares, a terceira de Affonso de Lucena, e todas para seu pay Francisco de Lucena; que se embarcáraõ, e que chegando elles a Lisboa, entregára a D. Jozé de Menezes o maço que trazia, e que D. Jozé o mandára servir a Elvas, advertindo-lhe que não accêitasse posto, porque na Primavera seguinte o havia de ajudar a huma facção de muita importancia, a qual era, conforme elle entendêra, entregar a Fortaleza de S. Giaõ aos Castelhanos: que pouco tempo depois de haver chegado a Elvas, por varias vezes dera noticia a D. Joaõ de Garay de tudo o que julgára conveniente á Coroa de Castella, e que antes da sua prizaõ, fingindo que hia a Extremóz, passára a Madrid, onde dera conta á Rainha, que governava em ausencia delRey, de tudo o que havia obrado, e que de presente tratava com D. Joaõ de Garay de lhe entregar o Forte de Santa Luzia; e que para satisfazer esta promessa havia ganhado sete soldados, que nomeou. Poraõ estes logo presos, e dentro de pouco tempo soltos, justificando facilmente a sua innocencia. D. Joaõ da Costa deo conta ao Conde de Obidos da confissão de D. Pedro Bonete, e considerando o Conde a importancia desta materia, ordenou a D. Joaõ que passasse a Lisboa a dar a ElRey conta della. Tomou D. Joaõ a posta, chegou a Lisboa a 9. de Janeiro, fallou a ElRey, que depois de discursar a gravidade deste caso, se resolveo a mandar prender D. Jozé de Menezes, considerando que, em materias desta qualidade, os que escapaõ de delinquentes, não pôdem deixar de ser desgraçados;

dos; porque pezaõ mais com alguns Principes os males, que podem reultar á sua Monarchia que os testemunhos, que se podem levantar a seus Vassallos: sendo tal a fragilidade humana, que nem he seguro o bom procedimento; dependendo o credito proprio da vontade albêa. Tomada esta resolução, mandou Pedro Vieira da Silva, que havia succedido na occupação de Secretario de Estado a Francisco de Lucena, chamar D. Jozé de Menezes á Secretaria da parte delRey. Quando chegou, o estava aguardando D. Antão de Almada, e D. Luiz seu filho; entretiverão-no até chegar Fructuoso de Campos Barreto, Corregedor do Crime da Corte, que o levou em hum coche prezo ao Limoeiro. Na mesma tarde foraõ prezos Christovão de Mattos de Lucena, irmão de Francisco de Lucena, seu filho Martim Affonso, e dous criados seus. Manoel de Azevedo, que D. Pedro Bonete havia referido, estava na cadeia por outro crime: recolherão-no á casa do segredo, e prenderão Francisco Dornelas da Camara; author dos bons successos da Ilha Terceira, não tendo mais culpa que ser amigo de Francisco de Lucena: exemplo muito digno de se ponderar, porque não bastaráõ para qualificar as acçoens de Francisco Dornelas, nem obrar as mayores finezas, nem vencer os mayores perigos; e passando de militar á cortezaõ, alcançando na amizade do mayor Ministro para os ouvidos delRey a melhor informação do seu procedimento, bastou hum tão leve, e remoto accidente, para destruir as bem fundadas, e merecidas disposiçoens da sua fortuna. Tão perigoso he o officio de soldado, que passadas as occasioens em que os Principes necessitaõ do seu prestimo, não ha alicerse tão firme, que os segure da menor tempestade. Poucas horas antes de chegar a Lisboa D. João da Costa havia ElRey mandado a Pedro de Mendoça á fortaleza de S. Giaõ com ordem para soltar Francisco de Lucena, por se lhe não provar alguma das culpas, porque o capituláraõ. Levou Pedro de Mendoça a D. Luiz de Noronha cunhado de Francisco de Lucena, e por ter com elle estreita amizade não dilatou a jornada da Fortaleza de S. Giaõ. ElRey, tanto que chegou a noticia da confissão de D. Pedro Bonete, mandou para S. Giaõ a Jorge de Mello, General das

Anno
1643

Prizaõ de
D. Jozé
de Mene-
zes, e ou-
tros.

Anno
1643

Galés, levando consigo a Estevão Leitaó de Meireles, Corregedor do Crimã da Corte, com ordem para que Pedro de Mendoça lhe entregasse Francisco de Lucena. E para que estas disposiçoens se executassem sem embaraço, ordenou ElRey a D. Alvaro de Abranches, que marchasse para S. Gião com tres Companhias de Infantaria. Todas chegáráo de noite á vista da Fortaleza. Ao romper da manhã escreveu Jorge de Mello ao Tenente que a governava, Antonio de Barros Cardoso, dizendo-lhe que trazia ordem delRey para elle lhe entregar a Fortaleza, e que em quanto se dilatasse, não permittisse que sahisse da prizaó Francisco de Lucena. Levou esta ordem Pedro Ferraz Capitaó de huma das Galés, e entrando na Fortaleza, a entregou ao Tenente. Respondeo-lhe, que tinha outra delRey em contrario daquella, e que determinava executá-la primeiro. Chegou neste tempo Pedro de Mendoça, e sem preceder algum exame, prendeo Pedro Ferraz, e vendo chegar á Fortaleza a Infantaria, lhe perguntou que gente era aquella, e quem a governava? Respondeo-lhe que D. Alvaro de Abranches, que se achava em Lisboa, e Jorge de Mello. E inferindo desta noticia, obrigado da paixáo de ver baldada a sua diligencia, que a inimidade, que os dous tinhaó com Francisco de Lucena, os obrigára a este excessó, disse ao Tenente que mandasse aífestar contra elles a artilheria, porque éráo inimigos da conservaçoão do Reyno, e queraó destruí-lo. Advertio-lhe Pedro Ferraz que aquelles Fidalgos vinhaó por ordem delRey, e que a causa desta novidade fora descobrir-se, depois d'elle partido de Lisboa, huma perigosa conjuraçoão. Ficou Pedro de Mendoça muito confuso com esta noticia, e chegando neste tempo Jorge de Mello, lhe abriará a porta. Deo a ordem delRey ao Tenente, e prendeo logo o Corregedor da Corte a Francisco de Lucena, e entrando com elle no coche em que hia, o trouxe para o Limoeiro. Jorge de Mello ficou na Fortaleza, D. Alvaro, e os mais voltáraó para Lisboa. Antes que Francisco de Lucena chegasse ao Limoeiro, se divulgou pelo Povo o seu novo delicto, e concorreo com tal furia sobre a carroça em que hia, que lhe tirariaó a vida, se a não defendêra huma

Prizaó no
Limoeiro
de Fran-
cisco de
Lucena.

huma Companhia que levava de guarda, para a perder com mayor affronta. O Povo, continuando a furia com-
cada, se alterou desorte contra a Nobreza, que foy ne-
cessario a ElRey grande diligencia para o applicar.

Anno

1643

Altera-se
o Povo

Prezos todos os que D. Pedro Bonete havia de-
nunciado, e havendo elle chegado ao Limoeiro, mandá-
raõ os Ministros de Justiça pôr a tormento a D. Jozé de
Menezes, sem lhe valerem os privilegios da innocencia,
da idade, e do valor. Ordenaraõ-lhe que se despisse os
Ministros que lhe assistiaõ, fallando-lhe por vós. Elle
cheyo de espirito os reprehendeo, dizendo: que ElRey
feu Senhor naõ mandava que usassem com elle de termos
indignos á sua qualidade; e que se os tratos, que lhe da-
vaõ, eraõ para confessar o que naõ fizera, que inutilmen-
te dispendiaõ o tempo, porque em Castella os padecêra,
negando o que havia feito: que ElRey naõ tinha Vas-
fallo mais leal que elle, como em muitas occasiões mos-
trára, e justificaria até o fim da vida. Naõ lhe valeo a
constancia que mostrava: puzeraõ-no a tormento, e pa-
deceo sette tratos taõ ásperos, que lhe chegáõ os cor-
deis aos ossos, de que a carne que ficou pegada ao potro
se desunio, buscando refugio na causa do tormento,
por naõ padecer o rigoroso effeito que lhe occasionava.
Vendo que naõ confessava, nem estava capaz de mayor
rigor, o deixáráõ os Ministros de Justiça, e vindo a cu-
rá-lo os Cirurgioens, julgando que seriaõ inuteis os re-
medios, o acháraõ taõ vigoroso, que naõ só farou dos
tratos dentro de poucos dias, mas ficou os annos que vi-
veo sentindo menos achaques da gotta, dos que até
aquelle tempo o maltratavaõ. E parece que foy provi-
dencia, pagando-lhe Deos o soffrimento, com que pa-
deceo tantos tormentos sem culpa. No mesmo dia levá-
raõ tratos dous criados de Francisco de Lucena, e naõ
constou da sua confissãõ circumstancia, que pudesse justa-
mente aggravar o seu delicto. Da mesma sorte foy posto
a tormento Manoel de Azevedo, que era o que D. Pedro
Bonete havia dito que trouxera as cartas para Francisco
de Lucena. Tres vezes o puzeraõ no potro, as duas ne-
gou até apertarem os cordeis, e tanto que chegavaõ a

Valor de
D. Jozé
de Mene-
zes no tor-
mento
mais rigo-
roso.

Anno

1643

Confissão
suspeito-
sa.Indícios
que re-
crescerão.

maltratá-lo, dizia que queria confessar; em lhos affro-
xando affirmava que padecia sem culpa. Porém vendo ul-
timamente que não achava nesta astucia remedio, disse,
que era verdade que elle dera a Francisco de Lucena as
tres cartas no mez de Mayo antecedente, estando ElRey
na quinta de Alcantara, que as cartas vinhaõ todas em
hum maço, em que discordou do que D. Pedro havia
confesiado, E instando-lhe, como foubera as pessoas para
quem vinhaõ? Respondeo, que lho havia dito o Conde
Duque. O dia seguinte vindo os Ministros de Justiça ra-
tificar a confissão para a fazer juridica, duvidou Manoel
de Azevedo de tomar juramento: porém jurou ameaçado
com segundos tratos, mostrando em todos os actos, que
o temor dos tormentos o havia obrigado a confessar o que
não fizera. O que mais aggravou os indícios contra Fran-
cisco de Lucena, foy huma noticia authentica, que deo
o Padre Francisco Manços Religioso da Companhia de
Jesus, que naquelle tempo havia chegado de Castella,
que assegurou ouvir em Madrid, que Francisco de Lu-
cena se conrespondia com o Conde Duque. Ajuntou-se
mais aos autos huma carta, que ElRey mandou aos
Juizes delles, com hum Decreto, que declarava ser a
pessoa que a escrevêra de grande confidencia. Dizia a
carta: que em Madrid se espantáraõ os Ministros da-
quella Corte de não entrar Francisco de Lucena na
conspiração do Arcebispo de Braga: e advertia-se nel-
la com apertadas instancias, que se dissesse a ElRey
que se não fiasse de Francisco de Lucena. Com estas,
e outras provas de pouca consideração foy processada
a causa de Francisco de Lucena; e no mesmo tempo
em que se continuava o processo, fugiraõ da cadeia
Dom Pedro Bonete, e Antonio Coelho: porém foraõ
colhidos por fortuna do Carcereiro, a quem ElRey ha-
via mandado dizer de sua justiça. Recolhidos á prizaõ,
os puzeraõ a tormento. Disse D. Pedro, que Antonio
Coelho lhe havia communicado que encobriera na confis-
saõ dos tratos, que lhe deraõ, haver trazido cartas de Cas-
tella a seu amo Francisco de Lucena, e que lhe ouvira
dizer, que, se tivera seu filho em Portugal, havia de fa-
zer

zer huma grande facção. Deraõ segundos tratos a Antonio Coelho, e contestou nelles com a confissão de D. Pedro, que foy a ultima ruina de Francisco de Lucena. Os dous, e Manoel de Azevedo foraõ sentenciados a arrastar, e enforçar. D. Pedro, quando lhe leraõ a sentença, fez huns embargos, e declarou que tudo quanto havia dito em Elvas era falso, assim em se comunicar com D. Joaõ de Garay, como em trazer cartas a D. Jozé de Menezes: que lhe levantára este testemunho, por lhe parecer que com esta noticia não só alcançaria liberdade, senão huma grande mercê, e que por affilhado de D. Jozé se lembrára primeiro delle que de outra pessoa. Manoel de Azevedo tambem disse que, para morrer sem escrupulo, declarava que não trouxera carta alguma de Castella a Francisco de Lucena, e que se o havia dito, fora obrigado da dor dos tormentos. Executou-se em ambos a sentença, e Antonio Coelho se livrou da morte por perder o juizo. Francisco de Lucena foy remettido á Mesa da Consciencia por ter o Habito de Christo: relaxaraõ-no, e vindo a perguntas diante dos Juizes, não confessando cousa alguma do que lhe perguntáraõ, o puzeraõ a tormento: porêm era taõ debil, e de tantos annos, que no primeiro trato lhe deo hum accidente de qualidade que sem outro exame o recolhêraõ á prizaõ. Entendendo os Juizes que as provas, que estavaõ examinadas, eraõ bastantes para o sentenciarem á morte, a 22. de Abril lhe lançáraõ a sentença com os fundamentos seguintes: „ Que o Réo, sendo Vassallo delRey, e seu Secretario de Estado, havia communicado por cartas os inimigos da sua Coroa, das quaes, cautelosa, e fraudulentamente, mostrava a ElRey as que lhe parecia, encobrindo outras que lhe prejudicavaõ; e que com este trato dobre havia dado occasião a que os inimigos desta Coroa lhe commettessem a destruição da vida, e do Reyno delRey: e que havendo-se provado que estas cartas lhe foraõ dadas; as encobria pertinazmente, havendo elle dito a ElRey, que de Castella lhe faziaõ esta proposita: e que juntamente se provava acharem-se nas mãos de alguns Ministros de Castella papeis de grande importancia

Anno
1643Retrata-
se D. Pe-
dro Bonc-
te.Sentença
de Fran-
cisco de
Lucena.

,, tancia

Anno
1643

„ tancia, e instrucçoens de embaixadas, que só do Réo,
 „ como Secretario de Estado, se fiavaõ: e que por presump-
 „ çoens muito evidentes se entendia que elle, por antigo
 „ odio que tinha ao Infante D. Duarte, lhe dilatára o avi-
 „ so que ElRey lhe mandára fazer para se passar de Ale-
 „ manha a este Reyno, por querer dar tempo aos Castelha-
 „ nos para o prenderem, como succedeo. E que por estas
 „ culpas o julgavaõ por traidor, comprehendido no crime
 „ de leza Magestade, e o sentenciavaõ a degolar em pra-
 „ ça publica. Leo-se-lhe a sentença, e antes de commun-
 „ gar, depois de se haver confessado, com grandes demonst-
 „ traçoens de Christaõ, protestou que não havia delin-
 „ quido na culpa porque o condenavaõ. Foy degolado a 28
 „ de Abril, e ficou no juizo dos que o não sentenciáraõ á
 „ morte muito duvidosa a sua culpa. Foy successo digno
 „ de grande reparo degolarem a Francisco de Lucena com
 „ hum cutélo, que por curiosidade indiscreta havia trazido
 „ de Madrid, em memoria de haverem degolado com elle
 „ a D. Rodrigo Calderaõ, grande valido do Duque de Ler-
 „ ma, e offerecendo-se este cutélo para degolarem o Duque
 „ de Caminha, a que havia fomentado a morte, não lo-
 „ grando aceitar-se-lhe aquella offerta, lhe vieraõ a cortar a
 „ cabeça com o mesmo cutélo, trazendo na sua fragilidade
 „ o ultimo golpe da sua vida. D. Jozé de Menezes esteve
 „ no Limoeiro até o anno seguinte. Mandou ElRey solta-
 „ lo, e entregou-o a seu sobrinho o Conde de Cantanhede
 „ com permissaõ de que vivesse naquella Villa. Nella assis-
 „ tio em quanto viveo. No decurso deste tempo o man-
 „ dou ElRey chamar para se tornar a servir delle. Respon-
 „ deo, que tratava de assistir só a quem dava igualmente os
 „ premios, e os castigos, e que elegia a mais propria reso-
 „ luçaõ á sua grande desgraça; porque como se não podia
 „ fazer venturoso, e sabia ser honrado, determinava emen-
 „ dar com o conhecimento proprio os erros da fortuna. Mar-
 „ tim Affonso de Lucena, e Christovaõ de Mattos, aquel-
 „ le filho, este irmaõ de Francisco de Lucena, foraõ logo
 „ soltos, e com elles os seus criados. Foy tambem solto
 „ Francisco Dornelas da Camara, dando-o por livre os Jui-
 „ zes de todas as calumnias arguidas por seus inimigos, e
 „ sem

Execuçãõ
della.

Solta-se
D. Jozé, e
não quer
mais ser-
vir.

Soltaõ-se
os mais,
Francisco
Dornelas
se retira á
Ilha.

fem querer aceitar satisfação, se embarcou para a Ilha a alleviar no theatro da sua gloria a falsidade da sua culpa.

A estes, e outros accidentes de grande consideração acudia o animo delRey com igual constancia, desmentindo no acerto de todas as acçoens algumas apparencias exteriores, que os demasiadamente zelosos lhe condenavaõ. Levantou-se neste tempo grande controvérsia entre os Ministros sobre se haver de prevenir a Armada, ou poupar-se esta despeza. Diziaõ os desta opiniaõ: que as prevençoens de Castella naõ obrigavaõ a se fazerem dispendios anticipados; e que quando ellas se adiantassem, seria tanto mayor o poder que os Castellhanos trouxessem, que naõ seria possível que a nossa Armada buscasse a de Castella fóra da barra, e que dentro della era melhor defensão a das Fortalezas do rio, e Fortins, que se podiaõ levantar na marinha com o dinheiro, que se havia de gastar inutilmente nas prevençoens da Armada. Discursava-se pela parte contraria, que a mayor defensão de Portugal era sustentar hum Armada poderosa, que andasse de Veraõ correndo a Costa, e de Inverno estivesse prompta no rio para acudir a qualquer accidente: porque medindo-se, como era razaõ, as disposiçoens da defensão pelo intento da conquista, constando que os Castellhanos determinavaõ entrar a hum mesmo tempo com hum Exercito, e hum Armada a buscar Lisboa, para que experimentasse o Reyno a ferida no coração, e assim, como o corpo com as acçoens vitæ, ficasse cadaver para a defensão; que parecia necessario que de iguaes, e semelhantes disposiçoens se compuzesse a resistencia; porque fiar a segurança do rio de Lisboa dos tiros incertos da artilheria das Torres, seria indesculpavel confiança, e que os Fortins, em que se dizia que se gastasse o dinheiro, que se havia de applicar á Armada, naõ poderiaõ ser taõ defensaveis, que naõ fossem primeiro ganhados, que investidos do exercito, que marchasse por terra: e que assim ser ella necessaria na occasiaõ proposta, ou para pelear fóra da barra, ou para defender o rio, naõ era materia de questaõ; e que neste sentido, marinheiros,

Anno
1643

Opiniões
sobre ha-
ver Arma-
da.

Relatório
do Rey
sete Anos
da

Anno
1643

colunha
da
177

Resolve
ElRey fa-
zer Arma-
da.

Donde
se
lira

nheiros, soldados, bastimentos, artilheiros, armas, e muniçoens sempre era preciso que estivessem promptos, porque se não ajuntaõ de repente: e que estando feita esta prevençaõ, que he todo o dispendio das Armadas, quanto mais util era empregar a nossa, que suspendê-la; porque de navegar podia colher interesses, que contrapezassem os cabedaes dispendidos, e de não sabir do rio se podia temer que os soldados sem uso, e os marinheiros sem exercicio, se achassem inuteis quando chegasse a occasião de serem necessarios. Que fazendo-se a conta com os cabedaes, ElRey podia armar quarenta navios, unindo aos de que era senhor outros estrangeiros: e que esta Armada não só era capaz de pelejar com a de Castella, que se podia considerar menos poderosa, pela costumada defatençaõ dos Ministros daquela Coroa, varias vezes experimentada, mas que serviria de sustentar as alianças dos Principes confederados, indissolúvel quando lhes resulta mayor interesse das suas Monarchias: e que de Portugal não podiaõ esperar outro mayor, que o socorro de huma Armada poderosa nas occasiõens em que necessitassem della: e que esta politica era tão necessaria, que a persuadiaõ os manifestos dos mesmos Castelhanos, nos quaes, para dissuadir os Principes de Europa da aliança de Portugal, tomavaõ por fundamento, mostrarem que os Portuguezes nem para se defender tinhaõ forças bastantes. E que ultimamente com a Armada se seguravaõ as frótas, e se facilitava o commercio, e que sem ella por todas as partes, e por todos os discursos ficava duyidosa a defenfa do Reyno. ElRey prudentemente seguiu esta ultima opiniaõ: porêm não lhe parecendo que era necessario tanto poder como de quarenta navios, mandou sair Antonio Telles de Menezes com nove grandes, onze pequenos, dous de fogo, e dous barcos longos. Era Almirante Cosme do Couto, e todas as prevençoens da Armada foraõ bem ajustadas, administrando-as a boa disposiçaõ do Marquez de Montalvaõ, Vedor da fazenda da repartiçaõ dos Armazens, que sempre havia sido de parecer que a Armada sahiisse. A 29. de Julho sahio Antonio Telles pela barra fóra. Era o Regimento, que levava, que

que andasse 25. legoas ao mar do Cabo de S. Vicente, e que estendendo os navios em 35., e 36. grãos, aguardasse nesta altura a frota de Indias de Castella. Porêm ella, tendo anticipado aviso de Cadiz, se encostou á Costa de Africa, e embocou o Estreito sem ser vista dos nossos navios. Nove dias assistiraõ nesta altura, passados elles os apartou huma tormenta mais de 80. legoas; desgarrou-se hum dos barcos longos, e encontrou oito navios de França, de que vinha por Cabo Montanhi, que havia comboyado o Bispo de Lamego: deo o barco noticia da nossa Armada, aguardáraõ elles, e ao outro dia se uniraõ todos. Disse o Cabo da Esquadra a Antonio Telles, que havia dado vista da Armada de Castella o dia antecedente, e que andava para embocar o Estreito. Com este aviso intentou Antonio Telles persuadir ao Cabo da Esquadra que se incorporasse com elle, e que fossem buscar a Armada de Castella, e se escusou, dizendo que não trazia ordem para pelejar, e que o seu Regimento era, que se incorporasse com a sua Armada, que se achava no mar Mediterraneo, como fez depois de quatro dias. Despedidos os Francezes, e vindo Antonio Telles na volta do Cabo de S. Vicente, encontrou dous navios, que mandou seguir até Cines, para ondê fugiraõ: achou que eraõ Amburguezes, e mandou largá-los, lembrado de vinte da mesma nação, que o anno antecedente havia trazido a Lisboa com armas para Castella, e fazendas de contrabando, os quaes EIRey mandou largar, não sem suspeita de que os Mestres compraraõ a alguns Ministros a sua liberdade. Andando Antonio Telles velejando na altura que se lhe havia ordenado, lhe chegou ordem d'EIRey para se recolher, por ter noticia que a frota de Indias era entrada nos portos de Castella. Recolheo-se Antonio Telles, e ficou correndo a Costa Cosme do Couto com 6. navios, aguardando a frota do Rio de Janeiro, com a qual entrou em Lisboa a 6. de Outubro.

Neste mesmo tempo mandou EIRey continuar as fortificaçoens das Praças mais importantes do Reino, persuadido da prudencia de Mathias de Albuquerque. Defenhou elle huma plataforma no Terreiro do Paço, de-
termi-

Anno
1643.

Anno
1643.

Congres-
so Mun-
ster.

Passão ao
Congres-
so os Mi-
nistros de
Portugal.

determinando que corresse aquella obra pela marinha que se estende junto da Cidade: porêm aquella despeza era mayor que a utilidade, e suspendeo-se a execuçaõ, porque o dinheiro faltava, assim por se desencaminhar por algúas vias, como pela pouca regularidade com que se cobravaõ as Decimas, privilegiando-se os poderosos com grande clamor do Povo, que por esta causa veyo a padecer mayores tributos. ElRey teve noticia que o Pontifice Urbano VIII. fazia diligencia porque o Imperador Fernando III., e todos os Principes da Christandade mandassem Embaixadores ao lugar que pareceffe mais conveniente para se tratar da Paz universal, e se ajustou que o Congresso se fizesse em Munster, e Osnaburg, duas Cidades de Vestfallia, consideradas como huma só, por serem ambas Episcopaes, distante dez legoas huma da outra, e accommodadas pela abundancia de fructos daquelle Paiz. Ajustaraõ os Salvos conductos, que depois se negaõ a alguns por interesses particulares do Imperio: e não podendo ElRey D. Joaõ conseguir ser admittido a este Congresso, e Dieta universal, pelo grande poder que ElRey Catholico sustentava em Roma, e no Imperio, se resolveo a mandar com os Embaixadores dos Principes aliados pessoas que assistissem na Dieta; querendo com esta industria dar côr ao impossivel de serem chamados a ella os seus Embaixadores. Tomada esta resoluçaõ, mandou ordem ao Doutor Rodrigo Botelho do seu Conselho da Fazenda, que assistia em Suecia, que passasse a Osnaburg com os Plenipotenciarios que a Rainha mandasse daquelle Reino. A mesma ordem foy a Luiz Pereira de Castro que estava em Pariz, e a Francisco de Andrade Leitaõ que assistia em Holanda, fazendo-lhes ElRey mercê a todos do Titulo de Dezembargadores do Paço. Passaraõ os dous a Munster com os Plenipotenciarios de França, e dos Estados, e a onze de Julho antes de haverem chegado os Plenipotenciarios de todos os Principes, que no anno seguinte, e ainda algum tempo mais adiante, se vieraõ a unir, se abrio o tratado da Paz. E como desta jornada não resultou a Portugal mais interesse, que algumas infructuosas diligencias, que se fizeraõ pela liberdade do Infante D.

Duar-

Duarte, applicando-as quanto lhe foy possível o Doutor Christovão Soares de Abreu, que ElRey mandou a Ofenburg, depois de lhe constar que era morto naquella Cidade Rodrigo Botelho, ainda que este negocio durou muitos annos, ficaremos defobrigados de repeti-lo. Nomeou ElRey por Embaixador dos Estados de Holanda a Francisco de Soufa Coutinho, que o havia sido de Dinamarca, e Suecia: chegou a Holanda pouco tempo depois de partir Francisco de Andrade Leitão de Haya para Munster. O Conde da Vidigueira continuava a embaixada de França com grande acerto, e acceitação de hum, e outro Reino. No principio deste anno teve ElRey noticia que os Castelhanos fomentavaõ em odio de Portugal a uniaõ de França, avisou ao Conde de Vidigueira que divertisse esta negociaçãõ, e procurasse liga offensiva, e defensiva entre as Coroas de Portugal, e França. Conseguiu o Conde a primeira diligencia, e não logrou a segunda: respondendo-lhe os Ministros de França, que ElRey queria conservar os seus aliados sem novidade, nem queixa, e que para a correspondencia que conservava com Portugal não eraõ necessarios mayores laços. Na mesma conferencia lhe negáraõ hum emprestimo de dinheiro, que lhes pedio da parte d'ElRey, mostrando-lhes com evidencia, que os Erarios estavaõ taõ exhaustos, que pedindo a Rainha de Inglaterra a ElRey seu irmaõ trezentas mil libras emprestadas, lhe não pode deferir, por não haver meyo de se poderem ajuntar. Offereceo-se neste tempo duvida entre os Ministros da Secretaria de França, e o Secretario da embaixada sobre o modo de tratamento entre os dous Principes, querendo alterar o escreverem-se por vós, como se havia ajustado nas primeiras conferencias. Diziaõ os Francezes, que este era o mais infimo trato das Naçoens Castelhana, e Portugueza, e que assim não parecia decente o continuar-se; que os Reys de França por uso da nação escreviaõ aos Reys de Polonia, e Dinamarca por vós, e elles lhe respondiaõ por Magestade; e que nesta fórma se deviaõ continuar as cartas de Portugal. Respondeo Antonio Moniz de Carvalho, por ordem do Embaixador, a esta proposta: que os mesmos

Anno
1643.Francisco
de Soufa
Coutinho
Embaxa-
dor de
Holanda.Successos
do Conde
da Vidi-
gueira.

fun-

Anno
1643

Ajusta-se
a fórma
de se ef-
creverem
os Reys.

Morte
d'ElRey
de França.

Falla o
CõdeEm-
baixador
à Rainha
Regente.

fundamentos della parece que a convenciaõ: porque se
o fallar por vós entre os Portuguezes era o mais humilde
estyllo, como podia ElRey. accitá-lo, naõ havendo de res-
ponder na mesma fórma, como tambem em Portugal se
praticava entre os amigos de mayor esfera: mas que,
por escusar duvidas, se escrevesse ElRey de França com
ElRey de Portugal, como costumava fazer com ElRey
Catholico, se naõ he que queria tratar peyor ao amigo,
que ao inimigo. Acháraõ os Ministros de França que naõ
podiaõ replicar a esta resposta, e ajustou-se que os dous
Reys se escrevessem por Magestade, que era o estylo que
se usava entre França, e Castella. Estas, e outras nego-
ciaçoens de amigavel, e util correspondencia tratava
em Pariz o Conde Almirante, quando sobreveyo a El-
Rey de França huma taõ grave enfermidade, que lhe ti-
rou a vida a 14. de Mayo ás tres horas da tarde, no mesmo
dia em que Ravihac matou aleivosamente a seu pay Hen-
rique IV. O dia seguinte ao da morte d'ElRey entrou a
Rainha, que elle havia nomeado antes da sua morte Re-
gente do Reino, em Pariz com seu filho Luiz XIV., que
hoje gloriosamente reina. Foy logo a Rainha, e o novo
Rey ao Parlamento, onde se confirmou a Regencia su-
prema da Rainha com mayor authoridade da que ElRey
lhe havia dispensado, ficando-lhe por Adjuntos o Car-
deal Julio Massarini, que ella declarou primeiro Mini-
stro, o Principe de Condé, o Graõ Chancellor, o Duque
de Longa Villa, Xavigni, e Boulher seu pay; e o Duque
de Orleans irmaõ d'ElRey foy declarado Tenente da Rai-
nha, e Generalissimo de todos os Exercitos militares. O
Embaixador foy logo fallar á Rainha, e lhe disse que es-
perava que Sua Magestade, mostrando-se, mais que irmaõ
d'ElRey de Castella, mãy de seu filho, desvanecesse a opi-
niaõ que corria naquellá Corte, de que havia de largar a
amizade de Portugal, com tantos vinculos, e interesses
communs estabecida com aquella Coroa. Respondeo a
Rainha, que, dando credito mais ás experiencias que aos
discursos, continuasse as conferencias dos negocios com
o Cardeal Massarini. Assim o executou o Embaixador,
mostrando a Rainha pelo tempo adiante toda a constan-
cia

cia necessaria ás utilidades daquella Coroa, e brevemente concedeo ao Conde Almirante os prifoneiros Portuguezes, que o Principe de Condé havia ganhado na memoravel batalha de Recroy, que perdeu D. Francisco de Mello Governador dos Estados de Flandes. Em Inglaterra, e Suecia se continuava a correspondencia com Portugal sem alteraçãõ, nem novidade. Em Roma não melhoravaõ com as diligencias os negocios, e com menos atençaõ neste anno, pela differença que se levantou entre o Duque de Parma, e o Pontifice sobre o Senhorio de Castro, que a Igreja occupava, de que resultou unirem-se com o Duque de Parma alguns Principes de Italia, e entrarem armados com o pretexto da satisfacão das offensas recebidas dos Cardeaes Barbarinos, Nepotes de Urbano VIII. Mas estas duvidas se concordáraõ brevemente com a restituicão de Castro.

Anno
1643.

nhitros
-oil sob
-sobnral

Guerra
do Duque
de Parma
com o Põ-
tificado.

No fim do anno de 1642. deixámos os Portuguezes do Maranhão sitiando a Cidade de S. Luiz, onde se recolhêraõ os Holandezes obrigados dos máos successos que haviaõ padecido na campanha. Governava os nossos soldados Antonio Moniz Barreto, e tendo com grande instancia pedido socorro ao presidio do Pará, lhe chegou a dous de Janeiro. Constava de 113. Portuguezes, e 700. Indios, governados huns, e outros pelos Capitaens Pedro Maciel, e Joaõ Velho do Valle. Adoeceo neste tempo Antonio Moniz Barreto, e foy eleito em seu lugar Antonio Teixeira de Mello, e não approvando todos esta eleicão, se originou da discordia dilatarem o assalto da Cidade, reduzida por falta de guarnicão ao ultimo aperto. Foy a dilacão tão util aos Holandezes, que quando determinavaõ render-se, lhes chegou de Pernambuco hum navio, duas barcas, e cinco lanchas, em que vinhaõ 350. soldados da sua nação, e outros tantos Indios, governados por Andreson, o mesmo Cabo que havia tomado Angola. Não quiz elle que lhe prejudicasse a dilacão de tentar a fortuna, sahio logo da Praça com 600. Holandezes, e 800. Indios, investio primeiro com as casas em que estavaõ alojados 50. Portuguezes, e achando-os descuidados, os obrigou a largarem o posto: põ-

Successos
do Maran-
hão.

Con-
n
n
n
n

n
n
n
n

Anno
1643.

Sortida
dos Ho-
landezes.

Cruel re-
solução
dos Holã-
dezes.

Epiclofa
dos Ingle-
zes.

rêm defendêrao-no o espaço que bastou para tomarem as armas os do quartel, e trincheiras, e que se retirárao, deixando tres mortos, e levando quatro feridos. Os Holandezes, entradas as cascas, avançárao com igual resolução ás trincheiras que estavao para a parte do Carmo, mas achando valorosa resistencia em 40. Portuguezes, e poucos mais Indios que as defendiao, depois de durar o conflicto hora e meya, se retirárao, custando-lhes a fortida 140. soldados. Passada esta occasião, vendo os Portuguezes casados a Cidade soccorrida, morto Antonio Moniz Barreto da doença que lhe sobreveyo, e grande falta de muniçoens: se retirárao com suas mulheres, e filhos para o Sertaõ, e ficou desôrte diminuida a gente, que Antonio Teixeira julgou que era preciso retirar-se, e o executou a 25. de Janeiro. Os Holandezes animados com este successo deitárao fóra da Praça 30. soldados, e 150. Indios com ordem que fossem saquear o Engenho de Aragaçá. Antonio Teixeira, prevenindo este mesmo intento, se emboscou no sitio em que o anno antecedente foy desbaratado Sandalim. Chegárao a elle sem cautella os Holandezes, de que era Cabo o Governador do Ceará, e sendo investidos dos nossos soldados, morrerão todos os Holandezes, e a mayor parte dos Indios. Antonio Teixeira, mais alentado com este successo, se aquartelou em o posto de Marapi, seis legoas da Cidade, onde assistio mez e meyo sem accidente de importancia. O Governador da Cidade, naõ podendo yingar-se com as armas dos soldados, desaffogou a paixã nos rendidos que haviaõ ficado nella: deitou fóra cruelmente as mulheres, roubadas, e despidas, e mandou entregar 25. soldados aos Tapuyas do Ceará, que brevemente os fizeram victimas da sua brutalidade. Outros 50. mandou vender aos Inglezes ás Ilhas das Barbadas; mas o Governador informado desta maldade, ordenou que os Portuguezes sahissẽ em terra, a titulo de os comprar, e reprehendendo asperamente aos Holandezes, pôs em sua liberdade os Portuguezes. Antonio Teixeira, do sitio em que estava alojado, mandou fazer duas entradas: huma, e outra se conseguio com bom successo, perdendo as vidas 30. Holandezes.

Anno
1643.

dezes. Porém Antonio Teixeira, vendo-se com grande falta de muniçoens, mudou de quartel, e passou a terra firme, e alojou-se em Itapitapera: e não se dando nelle por seguro, resolveo, com o parecer dos mais, retirar-se para a Cidade de Belem do Pará 150. legoas da Ilha. Querendo pôr por obra esta determinação chegáráo do Pará algumas muniçoens, com as quaes mudou Antonio Teixeira de intento, e deliberou continuar a guerra, sem embargo de se retirarem sem sua ordem para o Pará os Capitães Pedro Maciel, e Joaõ Velho, levando consigo parte da gente que haviaõ rrazido de foccorro. No Pará os não quizeráo justamente receber, condenando a sua maldade, de que se origináráo grandes dissençoens, que depois se compuzeraõ. Antonio Teixeira ficando só com 60. Portuguezes, e 200. Indios, se resolvêraõ todos, por serem naturaes da terra, a vender caras as vidas aos Holandezes, determinando perdê-las naquella difficil conquista. Com esta resolução dividio Antonio Teixeira esta gente em duas Companhias, de que fez Capitães a Manoel Carvalho, e Joaõ Vasco soldado de conhecido valor. Ordenou a Manoel Carvalho que passasse á Ilha com 40. Portuguezes, e cem Indios a fazer farinhas de mandioca para se sustentarem. Teve o Governador da Cidade esta noticia, mandou sahir della 60. Holandezes, e 100. Indios: foraõ estes buscar Manoel Carvalho, o qual os recebeo com tanta resolução, que em pouco espaço os desbaratou, e voltando elles as costas, os seguiu até perto da Cidade, aonde não chegáráo vivos mais que dez Francezes, que o Governador mandou enforcar, dizendo que em outras occasioens haviaõ feito o mesmo, por não quererem pelejar contra os Portuguezes. Fez mais alegre este successo lograr-se sem morrer soldado algum, podendo fazer grande falta em taõ pouco numero qualquer que perdesse a vida. Poucos dias depois desta occasiaõ, mandou Antonio Teixeira ao Alferez Manoel Dornellas com 30. Portuguezes, e 50. Indios buscar mantimentos á Ilha, e já neste tempo havia chegado o alojamento ao rio que a divide da terra firme. Em passando o rio, soube o Alferez que os Holandezes haviaõ levantado

Anno
1643.

Entraõ os
nosso
hum re-
ducto.

Perde-se
no Pará o
navio de
Pedro de
Albu-
querque.

tado hum reducto em hum sitio, por onde forçosamente havia de passar, e que o guarneciaõ 40. soldados. Preve- nido com esta noticia, marchou com diligencia por lugares occultos, e antes que amanhecesse chegou ao reducto sem ser sentido: entrou-o com facilidade, e degolou os Holandezes que achou dentro. Retirou-se, e animáraõ-se todos desõrte com estas fortunas, que sabendo quatro Portuguezes que estavaõ 25. Holandezes em huma casa de hum Engenho, se resolvêraõ a ganhar-lhe huma só porta que tinha, e defendendo tres que não sahisse algum dos que estavaõ dentro, e ajuntando o que ficava quantidade de lenha, rodeou com ella a casa, e pondo-lhe o fogo, ardeo com todos os Holandezes que estavaõ nella. Nesta fórma de guerra continuáraõ até 13. de Junho, dia em que ouviraõ disparar muitas peças de artilheria na barra. Antonio Teixeira mandou logo o Alferrez Joaõ da Paz com 8. Portuguezes, e 50. Indios embarcados em duas lanchas a averiguar a causa desta novidade: indo navegando encontráraõ huma lancha com 27. Holandezes, e duas peças pequenas de artilheria, investio-a o Alferrez, entrou-a, e rendeo-a. Mas este bom successo foy causa de grandissimo damno: porque o Alferrez divertido com o alvoroço da victoria não continuou a jornada, a que fora mandado, sendo motivo de se perder Pedro de Albuquerque, que era o que havia ordenado que se disparasse a artilheria; porque havendo partido deste Reino por ordem delRey a governar o Maranhão, levando em hum navio, em que deo á véla a 29. de Abril, Infantaria, muniçoens, mantimentos, e fazendas, chegando á barra da Cidade de S. Luiz, e não tendo noticia dos successos daquelle Estado, nem Piloto, que lhe ensinasse os portos, mandou disparar a artilheria para que ao rumor della acudisse alguma pessõa que o informasse. Vendo que não conseguia effeito algum desta diligencia, pôs a proa no Pará, e naquella barra se perdeu o navio, salvando-se no batel Pedro de Albuquerque com 40. Portuguezes. Chegou brevemente a nova desta desgraça a Antonio Teixeira, porém não lhe fez perder o alento: antes avistando oito navios Holandezes. o sitio em que estava

obst

ii 0

estava

estava alojado, e não se atrevendo a investi-lo, determinaraõ enganá-lo, mandando-o persuadir que se recolhesse á Cidade, onde governaria os Portuguezes sem oppressão alguma, nem dependencia. Respondeo a esta Embaixada, que brevemente esperava alojar-se na Cidade, lançando della hospedes tão indignos de amizade, e de credito, e que as victorias passadas eraõ fiadores das esperanças futuras. Exasperados os Holandezes da resolução desta resposta, deraõ ordem que se não concedesse quartel a Portuguez algum: a mesma deo contra elles Antonio Teixeira, exceptuando os Francezes que assistissem daquella parte; que servio de os fazer mais suspeitosos com os Holandezes. Antonio Teixeira não mandou passar á Ilha algum dos seus soldados até o mez de Outubro, nem succedeo empreza de importancia. Obrigado neste tempo da falta de mantimentos, havendo-se-lhe unido alguns Portuguezes, e Indios do Sertaõ, passou com toda a gente á Ilha, mandando diante ao Sargento mór Agostinho Correa com a Companhia de Joaõ Vasco, o qual, depois de colhidas as farinhas, seguido de Antonio Teixeira, investio o Forte do Calvario junto do rio Itapicuru, e achou-o sem guarnição pelo haverem largado os Holandezes. Deste lugar mandou hum valoroso Indio, chamado Sebastiaõ com outros 36. Portuguezes, e deo-lhe ordem que puzesse fogo a alguns canaviaes junto da Cidade. Assim o executou, aflitando de caminho huma lancha que estava varada em terra, em que havia 27. Holandezes, de que não escapou algum com vida. Os Holandezes da Cidade reconhecendo os damnos, que recebiaõ na campanha, cerraraõ as portas, e crescendo-lhes por instantes o aperto, e o receyo, se acharaõ reduzidos á ultima desesperação; porque se acafo algum sahia da Cidade, logo era morto dos Portuguezes, e Indios, que nunca sahiraõ dos matos visinhos a ella. Estando nesta afflicção, entrou no porto obrigado de huma tormenta hum navio nosso, que fazia viagem para a Bahia: entraraõ nelle os Holandezes sem achar resistencia, e embarcando-se em dous mais, de que se não haviaõ servido por estarem mal aparelhados, deraõ á vela para a Ilha de S. Christo-

Anno
1643.

Regresso
de Ho-
landezes
contra
Portu-
guezes
na Cida-
de.

Succesos
de Angos

Regresso
de Indios
do Ho-
landezes

Regresso
de Indios
do Ho-
landezes
na Cida-
de.

Anno
1643.

Retiraõ-
se os Ho-
landezes,
entra An-
tonio
Teixeira
na Cida-
de.

Degolaõ
os Indios
os Holan-
dezes.

Ganhaõ
se mais
reductos,
e dá-se có-
ta a El-
Rey, que
faz mercõ
aos que o
serviaõ.

vaõ, que habitavaõ naquella Costa, aonde chegaraõ com grande trabalho por falta de mantimentos, sendo só 300. os que se embarcáraõ, e mais de 1500. os que em varias occasioens lhes matou a nossa gente. Com grande contentamento recebeo Antonio Teixeira esta noticia; marchou logo para a Cidade, que achou de todo desmantelada, e 14. peças de artilheria encravadas: porẽm os Holandezes naquellas ruinas deixáraõ o triunfo de Antonio Teixeira, e dos mais, que com tanto valor, e soffrimento sustentáraõ tres annos aquella guerra, sem mais foccorro que a gente do Pará, que tornou a retirar-se; e custando-lhe muito sangue até o mantimento de que se alimentavaõ, vieraõ a conseguir lançarem fóra os Holandezes de huma das Conquistas de mayor utilidade que Portugal hõje cultiva. Quando os Holandezes deraõ principio a esta guerra, leváraõ para o Maranhão muitos Indios das partes donde naquellas Costas tinhaõ Fortalezas: entre estes foraõ os de Ceará, e Camozins. Retiraraõ-se do Maranhão, e foraõ lançados no Camozins, que dista 70. legoas, os Indios, que escapáraõ da guerra, sem lhes darem os Holandezes alguma satisfacão. Escandalizados do máo trato com que os despediraõ, se ajuntáraõ com outros da mesma nação, e avancáraõ hum reducto, que os Holandezes guarneciaõ naquelle sitio, e colhendo-os sem prevençãõ, os degoláraõ a todos. O mesmo fizeraõ em outro reducto, dez legoas adiante; e animados destes successos se refolyeraõ a investir a Fortaleza de Ceará, que distava cem legoas deste sitio. Tomada esta determinacão, marcháraõ com grande silencio, e chegando á Fortaleza sem serem sentidos, se emboscáraõ em hum mato vizinho, aguardando a que se abrisse a porta. Os Holandezes pela segurança passada, não temendo o damno presente, tanto que amanheceo, aberta a porta, sahiraõ da Fortaleza quasi todos a negociar, como costumavaõ as utilidades da campanha. Não aguardáraõ mais tempo os Indios, avancáraõ com grande valor, ganháraõ a porta, e a Fortaleza, degoláraõ alguns Holandezes que acháraõ dentro nella; os que estavaõ fóra se rendêraõ, e avisaõ logo ao Maranhão a Antonio Teixeira, que mandasse occu-

occupar aquellas Fortificaçoens que haviaõ ganhado, o que elle logo executou mandando presidia-las. Despachou com as novas de todos estes successos ao Capitaõ Joaõ Vasco para este Reino, aõnde chegou a salvamento, e ElRey informado dos que melhor procederaõ nesta guerra lhes fatisfez largamente o seu merecimento, igualando aos Indios com os Portuguezes, atençaõ que os deixou mais animados para conseguir novas emprezas. Estes foraõ os successos da America, sem que houvesse nos outros lugares açcaõ digna de memoria.

Foraõ menos gloriosos os de Africa, a que servio de theatro o Reino de Angola. Retirado Pedro Cesar de Menezes para a Fortaleza de Masangano, depois de perdida a Cidade de S. Paulo, de que distava 30. legoas, padeceraõ grandes enfermidades todos os Portuguezes que o acompanharaõ. Naõ ficou Pedro Cesar livre do contagio, adoecendo faõ gravemente, que chegou ao ultimo periodo da vida: porẽm, livre deste perigo, experimentou outros naõ menos peizados. Tanto que convalesceo, ajuntou 260. Portuguezes, e 2000. negros, e foy fazer guerra a hum negro senhor de muitos Vassallos, chamando Amochama, por se haver rebellado contra ElRey, a quem pagava tributo. Teve noticia Amochama do intento de Pedro Cesar, e fugio para Nabangongo, terra de hum Vassallo delRey de Congo, a ajustar-se com outros senhores de Vassallos, a que chamaõ Sovas, os quaes unidos se ajustaraõ a fazerem guerra aos Portuguezes, com intento de os lançarem fora daquelle Reino. Pedro Cesar, tendo a empreza por difficultosa, mandou ordem ao Capitaõ Antonio de Abreu de Miranda, e ao Capitaõ Antonio Bruto com 300. Portuguezes, e 1200. negros que tinhaõ á sua ordem, se viessem incorporar com elle: porẽm só Antonio Bruto chegou com 150. Portuguezes, e alguns negros, por andar Antonio de Abreu occupado em outra guerra mais distante. Sahio Pedro Cesar de Masangano, e em seis dias chegou a Nabangongo: achou os negros em campanha resolutos a pelejar; avançou-os, parecendo-lhe que era facil o desbaratá-los, porẽm elles recebendo o choque

Anno
1643.

Successos
de Angola.
la.

Anno
1643.

Obrigaõ
os negros
a retirar
os nollõs.

Retiraõ-
se os nos-
fos com
perda.

com muito valor, matando o Alferes Joaõ Vieira, e alguns negros, obrigaraõ a nossa gente a que se retirasse para hum quartel que haviaõ levantado. Neste sitio determinou Pedro Cesar aguardar Antonio de Abreu para acabar com este soccorro a empreza começada. Os negros receando este successo mandaraõ pedir aos Holandezes que os ajudassem, e que em satisfacão do soccorro lhes dariaõ 600. cativos: acceitaraõ elles o concerto; porẽm os Sovas antes de chegarem se retiraraõ. Tendo Pedro Cesar esta noticia, mandou seguã-los pelo Capitaõ André da Costa com alguns Portuguezes, e mil negros: tendo elle chegado a desbaratar-lhe a retaguarda, encontrou 150. Holandezes, que eraõ os que vinhaõ soccorrê-los. Tanto que huns, e outros se avistaraõ, sem dilacão se investiraõ: porẽm cahindo das primeiras cargas morto André da Costa, voltaraõ todos os soldados. Seguirãõ-lhe os Holandezes o alcance, mataõ muitos negros, e 30. Portuguezes, e ficaraõ 12. prisioneiros, em que entrou o Capitaõ Diogo Gomes Morales. Antonio Bruto recolheõ os que escaparaõ, e se retirou para o quartel onde estava Pedro Cesar. Neste tempo havia elle recebido aviso do Cornelio Nicolant, que governava a Cidade de S. Paulo, (a que os Holandezes haviaõ trocado o nome em o de Loanda) em que lhe dizia, que ElRey D. Joaõ havia feito pazes com os Estados. Esta noticia fez esquecer a todos a desgraça succedida, esperando por este meyo conseguir o soccego que desejavaõ. Poucos dias depois chegou do Reino Antonio da Fonseca Dornelas com cartas d'ElRey para Pedro Cesar, em que lhe dava noticia das pazes celebradas com Holanda: porẽm advertia-lhe que naõ perdoasse a diligencia alguma por restaurar a Cidade de S. Paulo, ainda que fosse á custa de grande dispendio; e que se para este effeito lhe parecesse mudar de quartel, o fizesse, occupando o sitio que lhe parecesse mais accommodado. Deo Pedro Cesar esta ordem á execucao, e foy o primeiro passo da sua ruina. Alojou-se em o lugar de Gango na foz do rio Bengo, quatro legoas de S. Paulo, e capitulou com os Holandezes, que se dentro de nove mezes naõ tivesseõ nova ordem d'ElRey, que largaria aquel-

Anno
1643.

le posto, que a seu beneplacito occupava, e logo despedio huma caravela, em que dava conta a ElRey do perigoso estado daquelle Reino, e com grande instancia pedia que lhe mandasse successor, e para mayor seguranca concordou com os Holandezes que no prazo signalado que havia de assistir naquelle sitio, haveria de huma, e outra parte amigavel conrespondencia; e que se neste tempo viesse ordem dos Estados aos Holandezes para largarem a Cidade, o executariaõ sem replica, e que da mesma sorte chegando ordem d'ElRey para largar o posto, que occupava, se recolheria ao lugar do Sertão, que lhe fosse signalado: e que se durando este prazo não chegasse resoluçãõ a alguma das duas partes, elegeria qualquer dellas o partido que melhor lhe parecesse. Feita esta capitulaçãõ, comecaraõ a conresponder-se ambas as Naçoens com amigavel trato, que durou sem malicia até que chegou por Governador da Cidade de S. Paulo hum Holandez chamado Hanfmolt, o qual deo noticia, que vindo da Mina, e passando por S. Thomé, achara que os Portuguezes tinhaõ sitiado aos Holandezes na Fortaleza. Originou-se deste aviso pôr-se em pratica entre os Officiaes: se seria conveniente em satisfacãõ do agravo de S. Thomé (como se deste effeito não fora causa a sua maldade) atacarem huma noite o quartel em que estava alojado Pedro Cesar. Facilmente acharaõ razoens para córar esta infidelidade, porque faltando-lhe a fé, e a honra, só tinhaõ por objecto o interesse, e vieraõ a ajustar darem á execuçãõ o intento da empreza. Teve Pedro Cesar anticipado aviso da fabrica desta maldade, e como o seu animo era livre de toda a cavilaçãõ, lhe pareceo que bastava mandar dizer ao Governador da Cidade, que lhe não era occulto o seu intento. Respondeo-lhe, que primeiro se acabaria o mundo, que faltasse a sua palavra, e reconheceo a sua malicia que desta forja lhe sahiria mais vigoroso o engano. Conrespondeo o successo á disposiçãõ: porque Pedro Cesar com a sua resposta socegou o seu réceyo, como se não fora capaz de enganar quem era inventor de se romperem as capitulaçoens sem causa. Neste tempo teve Pedro Cesar outra inferencia, que pudera acordá-lo do le-

Tregoa
dos Hol
andezes
com Pe
dro Ce
sar.

thar-

Anno
1643.

Rompem
o quartel,
e a pala-
vra os
Holande-
zes.

thargõ em que o tinha sepultado a sua desgraça. Aportou em S. Paulo hum navio Holandez, que havia feito preza em huma fragata nossa, que navegava carregada de açucar da Ilha do Espirito Santo para Lisboa. Recorreo Pedro Cesar ao remedio inutil de se queixar a Hansmolt do excessõ commettido contra as capitulaçoens assentadas entre o Reino, e Estados, pedindo-lhe a restituicão da fragata. Respondeo-lhe que logo a mandaria entregar, ajuntando novas seguranças da firmeza da sua palavra. E porque os seus enredos não tinhaõ mais campo para se dissimularem, naquella noite, que se contavaõ 26. de Mayo, marchou com grande silencio, levando consigo 300. Holandezes, e antes de amanhecer, chegou ao alojamento de Pedro Cesar, e achando-o sem trincheiras, nem sentinellas, o penetrou com pouca resistencia. Morrêraõ logo 40. soldados, em que entráõ o Sargento mór Manoel de Medella, o Capitaõ Antonio Bruto, Joaõ Pegado da Ponte, Capitaõ dos moradores da Cidade, e Pedro de Gouvea Leite: ficou prisioneiro Pedro Cesar com algumas feridas, e 187. soldados, salvando-se alguns que fugiraõ para o Sertão. Importou aos Holandezes o sacco mais de 600. mil cruzados em ouro, e prata, fóra muitas fazendas, e escravos. Retiráraõ-se para a Cidade, e embarcáraõ os prisioneiros em hum taõ pequeno navio, que com difficuldade cabiaõ nelle, e com taõ poucos mantimentos, que lhes foy forçado recolherem-se a Pernambuco, onde fóraõ tratados humanamente do Conde Nazau, mostrando que sentia o excessõ commettido em Angola, e brevemente os remetteo á Bahia, e a Lisboa. Os que escapáraõ do conflicto, se retiráraõ a Masangano, e elegêraõ por seus Governadores Bartholomeu de Vasconcellos, Antonio Teixeira, e Joaõ Zuzarte, aos quaes os Holandezes mandáraõ hum Embaixador desculpando-se do successo passado. Vendo elles esta demasia, prendêraõ o Embaixador, e todos os que o acompanhavaõ, e procedêraõ con grande cautella, temendo-se de outro enganõ, como o que tinhaõ padecido. Passado algum tempo, achando-se necessitados de alguns mantimentos, que não podiaõ conseguir sem o trato dos Holandezes, se ajustou

o com-

o commercio, de que se originou poderem os Portuguezes, que entravaõ na Cidade, communicar-se com Pedro Cefar, que estava prezo na casa do governo: ajustáraõ com elle livrá-lo da prizaõ. Tiveraõ ordem, e commodidade para o tirar occulto entre os negros que costumavaõ sahir a trabalhar, e pondo-o em huma rede, o leváraõ com grande brevidade ao porto de Tombo, que fica no rio Coanza 12. legoas da Cidade, onde estava huma lancha prevenida, que o levou em quatro dias a Masangano, achando fidelidade em ElRey das Pedras, e alguns Sovas vizinhos, que o ajudáraõ a sustentar-se no governo, que logo lhe entregáraõ até o tempo que adiante veremos.

Deixámos no fim do anno antecédente na India correndo a Costa de Choromandel a Armada que o Vice-Rey havia mandado a segurar as nossas Praças, de que era Cabo Domingos Ferreira Beliago. Teve elle noticia que os Holandezes determinavaõ sitiar S. Thomé: acudio áquella parte, chegou a Negapataõ, e achou que os Holandezes sitiavaõ a Povoação com sete navios. Domingos Ferreira acompanhado de D. Alvaro de Attaide atracou hum delles, e depois de pelejarem tres horas, lhe lançaõ tanto fogo que o deixáraõ, por entenderem que ficava perdido, e passáraõ a atracar os outros navios. Os Holandezes, que estavaõ debaixo da cuberta do que se avaliava por perdido, tanto que se viraõ desembaraçados, sahirão com valor, e diligencia a apagar o fogo, que só andava em cima da cuberta, conseguiraõ-no, e tornáraõ a compor o que acháraõ desbaratado. Advertida esta novidade por Domingos Ferreira, mandou com grande diligencia tornar a investir o navio; porê m com successo mais adverso, porque huma balla de artilheria, que o navio disparou, acertando no payol da polvora de hum dos que o seguiaõ, voou miseravelmente, perdendo-se toda a gente que levava, e neste tempo lhe acudiraõ algumas lanchas, que com reboques o livráraõ, ainda que muito desbaratado, do ultimo perigo. A esta desgraça se seguiu outra, indo-se a pique hum navio, que vinha maltratado da viagem. Domingos Ferreira sem outro effeito se fez á vela para S. Thomé, e encontrando na viagem huma

Annõ
1643.

Livra-se
da prizaõ
Pedro
Cefar.

Successos
da India.

Anno
1643.

Morte de
Domingos Ferrei-
ra Beliaço
a que suc-
cede D.
Alvaro de
Attaide.

Rompem
o quartel
e a pa-
vra os
Holandezes em
Negapatao.

Entrão os
Holandezes em
Negapatao.

humã não Holandezã que vinha de Palcate , a seguio com tempo contrario , e chegando por desgraça sua a tiro de artilheria , lhe acertou huma barreta pelos peitos , de que chegando a S. Thomé , depois de lhe escapar a não , veyo a perder a vida. Foy muito sentida a sua morte , por ser soldado de merecida reputaçãõ. Succedeo-lhe D. Alvaro de Attaide , que no decurso desta viagem o havia acompanhado com muito valor. A Armada invernou em S. Thomé , aonde o Vice-Rey a mandou refazer , para assistir na defenfa daquella Cidade , e dos mais lugares que tinhamos naquella Costa. Os Holandezes , dos sete navios que pelejaraõ com Domingos Ferreira , fizeraõ aviso aos moradores da Cidade de Negapataõ , que a despejassem logo , pois conheciaõ que nem tinhaõ defenfa , nem podiaõ esperar soccorro. Os da Cidade consultaraõ o aperto , a que estavaõ reduzidos ; e conhecendo que era impossivel defender-se , offereceraõ aos Holandezes a metade de todos os bens que logravaõ , segurando-lhes que os deixariaõ ficar no socego de suas casas. Acceitaraõ os Holandezes o partido , desembarcaraõ 600. , e alojando-se nos Conventos da Madre de Deos , e S. Francisco , aguardaraõ fortificados a satisfaçãõ da promessa dos moradores. Alguns dos mais principaes da Cidade vieraõ buscar os Capitães , e lhes propuzeraõ a femrazaõ com que os maltratavaõ , quando era sem duvida que entre os Estados , e ElRey se havia celebrado huma solemnissima Tregoa: porẽm que para satisfaçãõ da despeza , que haviaõ feito , quizessem contentar-se com onze mil patacas , que logo lhes mandariaõ entregar. Acceitaraõ elles esta segunda offerta , respeitando a Armada de Domingos Ferreira , e naõ se podendo ajuntar todo o dinheiro , que se lhes havia promettido , levaraõ em refens a hum dos do Governo , e ao Reitor da Companhia. Livres deste trabalho os de Negapataõ , lhes sobreveyo outro mayor : porque o Nayque , com quem confinavaõ , usando de huma industria , de que outras vezes se tinha valido , lhes pedio satisfizessem o dispendio , que haviaõ feito em os soccorrer. Sendo falsa esta proposiçaõ , e achando nos moradores da Cidade justa resistencia , intentou profanar as Igrejas , e abrir

as sepulturas, imaginando que, conforme o estylo Gentilico, havia de achar nellas algum thesouro. Exasperados os de Negapataõ desta exorbitancia, se puzeraõ em defenſa, de que resultou ſitiar o Naique a Cidade, e apertá-la com aſſedio, e aſſaltos continuos. Vendo os moradores o perigo em que ſe achavaõ, mandáraõ pedir ſoccorro ao Vice-Rey, implorando o ſeu favor com a humilidade de que coſtumaõ uſar os que dependem de mercê alhêa: porque nos annos antecedentes haviaõ deſobedecido varias vezes ás ordens do Vice-Rey, e eraõ tidos por indomitos. Porém o Vice-Rey, considerando que a primeira ração era ſerem Portuguezes, e obrigando-ſe juntamente delies ſe sujeitarem a abrir huma Alfandega como a de Cochim, e da offerta que fizeraõ de 400. canoins de arroz, para ajuda do ſuſtento da gente com que foſſem ſoccorridos, promettendo acudirẽm juntamente com as peſſoas, e fazendas ao trabalho de huma larga Fortificaçaõ, com que pertendiaõ ſegurar-ſe de novos accidentes; perſuadido deſtas razeons, deſpachou logo hũa galeota com ſeis peças de artilheria de bronze, quantidade de muniçoens, e hum engenheiro; e avisou a Ceilaõ a D. Philippe Mascarenhas, para que acudiſſe áquelle Cidade com o ſoccorro que lhe foſſe poſſivel, o que elle logo executou. O meſmo fez D. Alvaro de Attaidẽ com a gente da Armada que trouxe de S. Thomé. Com eſte ſoccorro ſe deo principio á Fortificaçaõ, e brevemente ſe puzeraõ em defenſa cinco Baluartes pela parte da terra, em que ſe plantáraõ 26. peças de artilheria, e a boca da barra defendiaõ dous pataxos, e quatro jaléas. Os ſoldados pagos eraõ 280., eſtes, e a gente da terra, que ſe lhe aggregou, governava D. Antonio Manoel de Menezes. O Naique, ainda que com a Fortificaçaõ vio mais difficuloſa a empreza do que imaginava, não deſiſtiõ della: porém apertado com varias ſortidas, em que perdeo muita gente, deſeſperado de conſeguir o ſeu intento, ſe retirou, e ficáraõ os ſitiados com menos moleſtia da que até aquelle tempo tinhaõ padecido.

Com a perda de Malaca ficou muito difficuloſa a viagem da China, por ſer aquella Fortaleza a unica

Anno
1643.

Sitia o
Naique
Negapataõ.

Fortifica-
ſe Nega-
pataõ cõ
o ſoccorro.

Levanta
o ſitio.

Anno
1643.

escála desta dilatada navegação: mas sendo precisamen-
te necessario soccorrer Macáo, pela importancia daquel-
la Cidade, mandou o Vice-Rey a Gomes Freire por Ca-
pitaõ de hum navio com ordem que navegasse por fóra
da Ilha de Samatra a embocar pelos Estreitos de Sunda
ou de Balle, conforme o tempo lhe desse lugar. Teve
prospera viagem até á Linha, aonde achou hum tempo-
ral taõ rijo, que lhe foy necessario andar muitos dias na-
quelles mares; encontrou nelles com tres navios Holan-
dezes, que o obrigáraõ a se recolher a S. Thomé. Deste
porto passou ao de Jafanapataõ, como mais seguro, aon-
de se tornou a aprestar para seguir a sua derrota. Teve
melhor successo huma galeota; que o Vice-Rey tambem
despedio para Macáo: chegou brevemente áquella Cida-
de, que achou em grande aperto por falta dos contratos
do Japaõ, que de todo estavaõ cerrados; porêm susten-
tava-se com menos perigo, porque o poder dos Holan-
dezes da Ilha Formosa, que lhes ficava visinha, se em-
pregava contra os Presidios que os Castelhanos tinhaõ
naquella Costa, summamente arruinados com notaveis
terremotos, e volcões de fogo, que varias vezes haviaõ
com grande damno experimentado. A Fortaleza que es-
tava em mayor socego, era a de Moçambique, gover-
nada por Julio Moniz da Silva, por quem o Monomota-
pa, Imperador de toda a Cafraria, persuadido das pré-
gaçoens dos Religiosos de S. Domingos, se havia feito
Christaõ com outros muitos Vassallos seus, e professava
com os Portuguezes taõ estreita amizade, que segurava
a sua pessoa com alguns soldados, que Julio Moniz lhe
remetteo.

Conver-
te-se o
Mono-
motapa.

Embaixa-
da dos
Holandec-
zes.

Estando a India no aperto referido, chegou a
Goa Pedro Boroel, Embaixador de Antonio Vandamien
Governador Geral das Provincias unidas, que assistia
naquelle tempo em Betavia. Foy recebido do Vice-Rey
com grande ostentaçaõ, e pedindo-lhe Ministros para tra-
tar os negocios a que vinha, lhe nomeou o Doutor Anto-
nio de Faria Machado Inquisidor da primeira Cadeira, e
o mais antigo Conselheiro de Estado, a André Salema
tambem do Conselho, e Védor da Fazenda, e a Jozé
de

de Chaves Sottomayor Secretario de Estado. Começou-se a conferencia, e foy ponto de mayor consideração entenderem os Holandezes que a Fortaleza de Gále em Ceilaõ dominasse, concluida a Tregoa, todas as terras adjacentes, allegando, que a posse em que estavaõ da Fortaleza lhes alargava o dominio a tudo o que lhe pertenceffe. Allegava-se contra esta propozição, que os capitulos da Tregoa, celebrada com Tristaõ de Mendocça, naõ continhaõ esta declaracão, e que de presente senhoreava estas terras o nosso Exercito, que estava alojado nellas. Estas, e outras razcens, ainda que convencêraõ a Pedro Boroel, como naõ trazia ordem para conclusãõ alguma, pelo muito que os Holandezes desejavaõ a guerra, depois de varios protestos, que de huma, e outra parte se fizeraõ, se despedio do Vice-Rey, dizendo que se daria conta aos Estados, e com tres Pataxos se fez na volta de Ceilaõ, e tomou o porto de Gále a 8. de Mayo. Ao dia seguinte unindo 200. soldados, que levava, aos da Fortaleza, sahio em campanha: fez aviso a D. Filippe Mascarenhas a Ceilaõ, que distava 20. legoas, que as Tregoas estavaõ quebradas, e sem esperar resposta sua, marchou a buscar a nossa gente, que estava alojada na Aldea de Curaça, tres legoas de Gále: e deixou 40. soldados em Beligaõ para segurar as terras dos Candezes, que nos obedeciaõ. Na manhaã de 11. de Mayo deraõ vista as nossas sentinellas do Exercito dos Holandezes, que se compunha de 400. de sua nação, e multidaõ grande dos Amigos que tinhaõ naquella Ilha. Teve prompto aviso Antonio da Motta Galvaõ, que era Capitaõ mór da nossa gente, recebeo-o estando á Missa com a mayor parte della, e parece que Deos, acceitando o sacrificio, ajudou a justiça da nossa causa. Animou Antonio Galvaõ os soldados com razoens fervorosas, e com o exemplo: pegaraõ todos acceleradamente nas armas, e naõ prejudicando a pressa á ordem, occuparaõ os postos convenientes; e ensinando-lhes o valor a naõ temer os perigos sahiraõ fóra das trincheiras: e como os Holandezes imaginavaõ achá-los descuidados, lhes servio esta cautella de confusaõ, vendo-os com tanta ordem resolutos. Reconheceo Antonio Galvaõ o receyo

Anno
1643.

Naõ se a-
justaõ as
duvidas.

Renova-
se a guer-
ra com os
Holande-
zes.

dos

Anno
1643.

Rota dos
Holande-
zes em
Ceilaõ.

dos Holandezes, e entendendo que não podia lograr melhor tempo, os investio com tanto valor, que depois de larga resistencia os derrotou totalmente, ficando a mayor parte delles mortos, e prisioneiros, e não escapando dos da Ilha mais que aquelles, que pela ligeireza se salváraõ. Houve entre os nossos soldados aççoens muito sinaladas. O Alferez Gomes de Carvalho, pertendendo os Holandezes tirar-lhe da mão huma bandeira, escolheo entregar primeiro a vida. O Capitaõ mór Antonio Galvaõ acompanhado de Ignacio Sarmiento de Carvalho, Joaõ de Sepulveda, Lourenço Ferreira de Brito, Pedro de Sousa, Francisco Fajardo, e Manoel de Sousa Falcaõ, sahindo os tres Capitaens ultimos com muitas feridas, fizeram aççoens dignas de immortal memoria. Por outra parte o Sargento mór Lazaro de Faria, Joaõ Gomes de Lemos, Manoel das Neves, Pedro de Faria, Fernaõ dos Santos, e Luiz Alvares de Azevedo não tiveraõ menor parte neste successo. Morrêraõ 22. soldados, e não eraõ os que pelejáraõ mais que 200. D. Filippe Mascarenhas com o aviso que teve de Pedro Boroel, ordenou a Joaõ Alvares Bretaõ que marchasse com treze Companhias a soccorrer a Antonio da Mota Galvaõ. Ao mesmo tempo com aviso dos Holandezes marchava ElRey de Candia a foccorrê-los, e encontrando-se ambos no mesmo dia da victoria, não quiz ElRey de Candia experimentar a fortuna: retirou-se para os seus lugares, e o Capitaõ Joaõ Alvares se encorporou com Antonio da Mota. Com este successo ficou Ceilaõ por algum tempo socegado, e Pedro Boroel solicitando a vingança no poder alheyo, partio de Baticalau para a Costa de Choromandel, e entrando na Fortaleza de Trangambar, pertendeo provocar ao Nayque de Tanjaor, senhor das terras circunvisinhas de Negapataõ, que nos continuasse a guerra que havia começado, offerecendo-lhe na primeira monçaõ grande soccorro: porêem o Nayque, que havia experimentado a nossa resistencia, e ajustado pazes, não accetou esta proposta. e Pedro Boroel se fez á vela para Palliacati, aonde acabou a vida, perdendo os seus naturaes nelle hum grande opposto á nossa conservação. Chegou

a Bz-

Anno
1644

a Betavia a noticia dos successos de Ceilaõ, e o Governador Antonio Vandamien soccorreo promptamente Gale, que o nosso Exercito, a cargo de Antonio da Moça Galvaõ, de novo assediava. Animados os da Fortaleza com este soccorro, fizeraõ huma fortida, e queimáraõ huma Aldéa de 40. pescadores naturaes da terra. Entre este desasocego accrescentou o cuidado ao Vice-Rey hum novo accidente que succedeo em Cochim: por que havendo algumas razoens de queixa entre hum Portuguez, chamado Pedro Gomes, e o Regedor delRey daquelle Reyno, lhe deo a morte. ElRey tomando por sua conta a vingança deste desacato, ajuntou gente com intento de começar a guerra. Acudiu o Vice-Rey a taõ imminente perigo, e mandou áquelle Ilha a Bernardo Moniz de Menezes, estimado por valoroso, e prudente, com quatro navios, e deo-lhe ordem para que antes de se começar a guerra, procurasse todos os meynos de accommodamento com ElRey. Chegou elle a Cochim, e tratou este negocio com tanta prudencia, que conseguiu naõ só ficar ElRey satisfeito, mas renovar as pazes com taõ apertadas circumstancias, que ficou estabelecida a amizade que sempre teve com os Portuguezes. Neste tempo entrou na barra de Murmugaõ huma náõ Holandeza, que vinha da Persia, obrigada de hum temporal: vinha carregada de riquissimos generos, e governada por hum Holandez Commendador da Persia, o qual considerando o aperto em que se achava propôs ao Vice-Rey, que elle havia chegado áquelle porto na fé da Tregoa que se dizia celebráramos com os Holandezes, e que se Pedro Boroel a havia quebrado, naõ era justo que todos padecessem o seu erro; que assim lhe pedia quizesse largar-lhe a náõ, ou depositá-la até elle ser com Antonio Vandamien mediano da Tregoa. Entendendo o Vice-Rey, que naõ era razáo por taõ pequeno interesse ficar com o escrúpulo de poder ser esta a causa do desasocego daquelle Estado consentio na proposta, dando licença ao Commendador para passar a Betavia, ficando a náõ depositada. Depois de passado algum tempo, chegou a Goa Embaixador de Betavia com proposição de que ametade das terras su-

Excesso
de Pedro
Gomes
em Co-
chim.

Anno
1643

jeitas a Gále, celebrando-se a Tregoa, ficassem depositadas até novo aviso dos Estados, e do Reyno. Considerando o Vice-Rey os inconvenientes desta proposta, não consentio nella, e ficou a guerra no estado em que estava de antes, e tratou o Vice-Rey de segurar as Praças, e fornecer as Armadas. Mandou huma de 20. navios para o Norte, de que era Capitaõ mór seu filho Luiz da Silva Tello; outra de 13. para o Cabo de Comorim, que governava Luiz Carvalho de Sousa, a da Costa constava de 14., á ordem de Bernardo Moniz de Menezes, e na Costa de Dio andava com 11. o Capitaõ mór Lopo de Barros. Igual numero trazia no Estreito de Ormuz D. Duarte Lobo, e com 12. estava prompto D. Alvaro de Attayde para acudir á parte em que mais se necessitasse do seu soccorro. Partiraõ neste anno para a India a não Santo Milagre, de que era Capitaõ mór Joaõ Rodrigues Oufá, e Santa Margarida, governada por Pedro de Araujo de Azevedo, ambas chegáraõ a salvamento a Goa.

Anno
1644

Successos
de Alem-
Tejo.

Entrou o anno de 1644., e logo mostráraõ em Alem-Tejo as prevençoens de huma, e outra parte, que havia de ser a guerra mais vigorosa, e melhor disputada, que a dos annos antecedentes. Mandou ElRey a Mathias de Albuquerque, que partisse de Lisboa, onde estava, a continuar o seu governo: passou elle logo para Estremõs, levando comfigo, além de outros aprestos, dinheiro para pagar aos soldados, e para remonta da Cavallaria, e certeza de se augmentarem os Terços de Infantaria com levas novas. Chegando a Estremõs, foy preparando com summa brevidade tudo o que julgou conveniente para conseguir os progressos da campanha futura. ElRey Catholico, sentido das desgraças succedidas o anno antecedente, mandou retirar o Conde de Santo Estevaõ, e entregou o governo daquelle Exercito ao Marquez de Torrecusa, avaliado em Castella por hum dos melhores soldados, e de valor mais conhecido que serviaõ aquella Coroa. Sahio elle de Madrid com todas as ordens necessarias para ajustar o Exercito, e augmentar as Tropas. Tanto que chégou a Badajoz, determinou sem perder tempo acreditar a grande opiniaõ que havia adquirido: ajuntou

Chega a
Badajoz o
Marquez
de Torrecusa.

1500. Cavallos, e mil Infantes, e mandou interprender o Castello de Ouguella, de taõ pequena circunvalação; Anno como temos moltrado. Naõ se achavaõ nelle mais que 1644- 45. soldados de guarnição, de que era Capitaõ Pascoal da Costa. Chegou o inimigo, quando rompia a manhã; e sendo sentido das sentinellas, se preveniraõ os dá guarnição para a defenõsa do Castello. Arrimáraõ os Castelhanos as escadas que traziaõ, e juntamente hum Petardo que levou a porta, que naõ puderaõ entrar os que a avançaraõ, e achando os que subiraõ valorosa resistencia, depois de tres horas de porfia se retiraraõ, deixando as escadas, e 20. soldados mortos, e levando muitos feridos. Teve em Estremõs Mathias de Albuquerque esta noticia, e brevemente passou a Elvas a dispõr a satisfacão. Mandou ao Thenente General da Cavallaria D. Rodrigo de Castro, que com 2500. Infantes, e 260. Cavallos fosse queimar a Villa de Montijo; e ao Monteiro mór, que marchasse com 800. Cavallos a dar calor a D. Rodrigo. Era Montijo de 800. fogos, rodeada de huma trincheira muito levantada: tinha de guarnição quatro Companhias de Infantaria, e huma de Cavallos, fõra os Paizanos. Chegou D. Rodrigo a Montijo, e naõ obstando a defenõsa dos Castelhanos, entraraõ os nossos soldados as trincheiras, e começaraõ a saquear, e pôr fogo á Villa, quando appareçeraõ mil Cavallos do inimigo, que sahirãõ de Badajoz ao rebate. Retirou D. Rodrigo a Infantaria, e chegando o Monteiro mór, marcharaõ formados a buscar os Castelhanos. Naõ querendo elles pôr o successo em contingencia, voltaraõ as costas, e sendo carregados das nossas Tropas levemente, por estarem muito distantes, passaraõ Gaudiana, deixando alguns soldados mortos. Retirou-se o Monteiro mór, e o Marquez de Torrecusa em contraposição deste successo mandou entrar hum grosso de Cavallaria pelo termo de Portalegre, que levou algum gado, naõ perdoando ás vidas dos miseraveis lavradores. Mathias de Albuquerque, querendo que os Castelhanos sentissem por todas as partes os fios das nossas espadas, ordenou ao Mestre de Campo D. Nuno Mascarenhas, Governador de Castello de Vi-

Interpreza
de Ouguella mal
succedida.

Anno
1644

Queima o
lugar de
Membri-
lho.

O Montei-
ro mór sa-
quea Villa
Nova de
Barca-Ro-
ta.

de, que fosse queimar o lugar de Membri-
lho, nove legoas distante daquelle Praça, abundante, rico, e de 400.
fogos. Para este effeito mandou encorporar com elle o
Thenente de Mestre de Campo General Diogo Gomes de
Figueiredo, que levava 300. Cavallos, e alguns Dra-
goens. Com esta gente, a do feu Terço, e 150. Caval-
los mais, marchou D. Nuno, e mandando de vanguar-
da Diogo Gomes, chegou ao lugar que entrou logo, sa-
queou, e queimou, com perda de sete soldados, e no-
ve feridos, em que entrou o Capitaõ Ignacio Pereira de
Aragaõ. Deste lugar passou Diogo Gomes ao de Solori-
nho, que achou despovoado, e com grande despojo se
tornou a encorporar com D. Nuno. Quando se retiravaõ,
tomáraõ alguns Cavallos de humas Tropas que acudiraõ
de Albuquerque. Passado esse successo, logrou o Mon-
teiro mór outro de muita reputaçãõ. Soube que alojava
em Villa-Nova de Barca-Rota D. Francisco de Velasco
Thenente General da Cavallaria Castelhana com 500. Ca-
vallos. Ajuntou outros tantos, alguns Dragoens, e 600.
Infantes, e marchou para Villa-Nova. Foy sentido an-
tes de ter chegado, e D. Francisco de Velasco montou
com todas as Tropas, e occupou hum monte distante da
Villa para a parte opposta da nossa marcha. O Monteiro
mór, vendo baldada a occasiaõ de desbaratar estas Tropas,
mandou ao Mestre de Campo Eustaquio Pique a re-
conhecer a Villa, e Castello: achou elle o Castello ca-
paz de mayores prevençoens, e concordáraõ todos em
attacar a Villa que era de 700. fogos, e huma das melho-
res daquelle districto. Assim se executou, e sendo mal
defendida, foy facilmente entrada. Saqueáraõ-na os nos-
sos soldados, e puzeraõ-lhe o fogo, sendo as Tropas ini-
migas testemunhas deste damno, que naõ custou mais
que a vida de hum soldado, e 16. feridos. Retirou-se o
Monteiro mór para Alconchel, nove legoas distante, e
dentro de poucos dias passou a Campo Mayor a se encor-
porar com Mathias de Albuquerque, o qual, havendo
gastado alguns dias em prevenir o que julgou necessario
para sahir em campanha, se resolveo a buscar caminho
de defenganar a confiança do Marquez de Torrecusa.

Passou

Annò
1644

Passou de Elvas a Campo Mayor, onde ajuntou 6000. Infantes, 1100. Cavallos, e seis peças de artilheria, as muniçoens necessarias, e bagagens que levavaõ mantimentos para vinte dias. Governava a Cavallaria o Monteiro mór, a Artilheria D. João da Costa, Capitães Generaes de hum, e outro Troço. Eraõ Mestres de Campo de nove Terços em que se dividia a Infantaria, Ayres de Saldanha, D. Nuno Mascarenhas, Luiz da Silva Telles, João de Saldanha de Sousa, Francisco de Mello, Martim Ferreira, Eustaquio Pique, David Calem, e o Terço do Conde do Prado sem Mestre de Campo, por se achar naquelle tempo com ordem delRey levantando gente no Campo de Ourique. D. Rodrigo de Castro Thenente General da Cavallaria havia ficado doente em Elvas. Compunha as Tropas o Commissario Geral Gaspar Pinto Pestana, e ordenava a Infantaria o Thenente de Mestre de Campo General Diogo Gomes de Figueiredo. Marchou este pequeno Exercito a Albuquerque com o intento de atacar aquella Praça, que consta de tres mil vifinhos, e contada por segunda da fronteira de Castella. Prevenio este risco o Marquez de Torrecusa, e mandou para Albuquerque o Mestre de Campo João Rodrigues de Oliveira com 600. Infantes, e tres Companhias de Cavallos. Chegando esta noticia a Mathias de Albuquerque, desistio da empreza, e marchou com o Exercito a Villar-delRey, lugar grande, e rico, que entrou facilmente, e depois de saqueado, lhe pôs o fogo. O mesmo incendio padéceraõ a Puebla, e Roca de Mansanete, e destes lugares passou o Exercito a Montijo. Haviaõ os Castelhanos reparado as trincheiras, e estavaõ guarnecidas de 300. Infantes: porêm penetraraõ-nas os nosos soldados com o primeiro impulso, e sem padecerem grande damno, rendendo-se juntamente os Castelhanos que se recolhêraõ á Igreja, e ás casas do Conde de Montijo, unidas a ella. Foy muito grande o despojo, porque o lugar era o mais rico de toda a Estremadura. Não havia até este tempo apparecido na campanha alguma Tropa do inimigo: porêm constou das linguas, que se tomaraõ em varias Praças, que o Marquez de Torrecusa unia em

Queima-se Villar-delRey, e outros lugares.

Ganha-se Montijo.

Annò
1644

Ajunta o
Marquez
o exercito
de Castella.

Resolu-
ção do
Marquez
de Torre-
cusa.

Badajoz as guarniçoens de Cavallaria, e Infantaria de toda a sua Provincia, e que convocava todos os Paizanos que lhe era possível, disposiçoens que evidentemente infinuavaõ as resoluçoens de pelejar. Dous dias se deteve em Montijo Mathias de Albuquerque, levado da ambição da gloria que esperava conseguir, parecendo-lhe tambem aquelle sitio accommodado para esperar a batalha, se acaso o inimigo o viesse buscar a elle. Vendo que não conseguia esta idéa, pôs o exercito em marcha com a frente em Campo Mayor, de que dista Montijo seis legoas, a 26. de Mayo, dia em que a Igreja celebrava a festa do Corpo de Deos. A noite antecedente tocou o inimigo varias vezes arma, para obrigar os foldados a que a passassem com pouco socego, querendo segurar a victoria na sua debilidade. O Marquez de Torrecusa havia neste tempo unido todas as guarniçoens pagas, e a ellas os Paizanos mais capazes dos lugares visinhos, e com hun, e outros prefez o numero de 6000. Infantes, e 2500. Cavallos. Alojou-se esta gente em Lobon, lugar cinco legoas de Badajoz, e visinho a Montijo, situado sobre Guadiana, e parte disposta para observar a disposiçãõ, e movimento do nosso Exercito. Houve entre os Cabos do Exercito de Castella differentes opinioes: porque alguns diziaõ, que marchassem a attacar Olivença, que constava haver ficado com pouca guarniçãõ, e que sem duvida conseguiriaõ a empreza, e na Praça grande reputaçãõ, e utilidade. Porém o Marquez de Torrecusa, de valor conhecido, e de natural precipitado, disse: que os rodeyos fizeraõ sempre as jornadas trabalhosas; que elle viera á conquista de Portugal para livrar depressa a El-Rey Catholico desta oppressãõ, e que ainda que os Ministros de Madrid tratavaõ taõ pouco de guerra que importava tanto, que puxando elle em oito dias por todas as guarniçoens, e Paizanos com taõ efficazes diligencias, como requeria a tençaõ que sempre tivera, que era buscar por estrada direita o fim da jornada, intentando de barbaratar o Exercito de Portugal, para reduzir á obediencia delRey sem contradicãõ todas as Praças da Provincia de Alem-Tejo, lhe não fora possível ajuntar mais que 6000

Infan-

Infantes, e 2500. Cavallos: porêm que ainda que este Exercito era pouco numerofo, excedia muito (confôrme as intelligencias, e confiliaõ das linguas que se haviaõ tomado) ao Exercito de Portugal, por constar fõ de 6000. Infantes, e pouco mais de 1000. Cavallos; sendo além deste excesso tanta a differença no valor, e sciencia militar de Cabos a Cabos, e de Soldados a Soldados, que, antes de attacada a batalha, havia repartido na sua idéa as coroas da victoria. Ouviraõ todos os Officiaes Castellhanos, que se acháraõ neste Conselho, com grande satisfacão o intento do seu General, desejado satisfazer-se dos aggravos experimentados nas occasioens dos annos antecedentes: porêm não deixou de os confundir, declarar o Marquez de Torrecusa que aquella gloria, que se havia de conseguir na victoria (que elle contava por indubitavel) a não queria para si, escusando-se de fahir em campanha, e a dispensava ao Baraõ de Molinguen, que pouco tempo antes havia chegado áquelle Exercito a exercitar o posto de General da Cavallaria.

Anno
1644

Encarrega
o exercito
ao Baraõ
de Molin-
guen.

Tomada esta resolução, sahio de Badajoz com todos os Officiaes o Baraõ de Molinguen com ordem expressa do Marquez de Torrecusa de pelejar com o nosso Exercito. Chegou a Lobon, onde estavaõ alojadas todas as suas Tropas, e passou logo Guadiana á vista do nosso Exercito, que marchava pela campanha igual, e desembaraçada. Era o Baraõ soldado valoroso, e pratico, e levava a D. Dionyzio Gusmaõ, General da artilheria, exercitando o Posto de Mestre de Campo General. Dividiraõ os dous a Infantaria em 9. corpos, e a Cavallaria em 34. esquadroens, e fazendo de toda esta gente huma só linha com duas peças de artilheria nos dous lados direito, e esquerdo da Infantaria, levando a fórma de hum meyo circulo, marcháraõ a attacar a batalha; porque chegando o Mestre de Campo D. Francisco de Luna e Carcamo com nova ordem do Marquez para que pelejassẽ, se resolveo o Baraõ a não cansar a fortuna mais que com huma só experiencia: tomando juntamente por fundamento investir, com aquella grande frente, a frente, e os flancos do nosso exercito, suppondo-o

Fórma do
Exercito
de Castella

Anno
1644

Fôrma da
marcha do
Exercito
Portuguez

Disposi-
ção para a
batalha.

lesbaratado, tanto que o visse confundido. Tão pouco credito conseguio naquelle tempo a nossa disciplina. Em quanto o Barão de Molinguen se detinha nestas disposições, marchava Mathias de Albuquerque por aquella campanha com grande vagar, porque levava o Exercito em batalha. Havia dividido a Infantaria em dez Corpos, e a Cavallaria em onze Batalhoens: com seis occupava o lado direito o Monteiro mór, e com cinco o esquerdo o Commissario Geral Gaspar Pinto Pestana; entrando nelles 150. Cavallos Holandezes, governados pelo Capitão Piper. Entre as Tropas marchavaõ mangas de mosqueteiros, e as seis peças de artilheria occupavaõ os claros dos Terços da vanguarda: as bagagens hiaõ cubertas com os carros, e estes guarnecidos com 400. mosqueteiros. A Infantaria marchava em duas linhas, e da vanguarda era na marcha a retaguarda, porque o inimigo ficava daquella parte: caminhavaõ as carruagens na vanguarda do Exercito, para que voltadas as caras ao inimigo (como succedeo) ficassem na retaguarda delle. Aconselháraõ alguns Officiaes praticos a Mathias de Albuquerque, que na consideração da inferioridade do poder, arriamasse o Exercito a hum bosque que lhe ficava pouco distante, e que sem duvida o ganharia antes que o inimigo chegasse. Porém elle, ou tendo por arriscado presumirem os muitos soldados novos que levava, que era receyo esta arte, ou entendendo que para vencer lhe não era necessario melhorar de sitio, não quiz usar do conselho, e continuou a marcha sem alterar o passo, nem mudar a ordem. Eraõ nove horas, quando os Castelhanos chegáraõ á vista do nosso Exercito. Mathias de Albuquerque com aspecto constante, e bellicosó, com alentado espirito, e diligencia incomparavel, mandou fazer alto aos soldados, e que voltassem as caras aos Castelhanos: proporcionou os claros, compassou as fileiras, e perfilou as filas: cobrio com os carros o lado direito do Exercito, e parte da retaguarda, todo o mais corpo ficou descoberto, podendo amparar-se dos mesmos carros: descuido que pôs a victoria em contingencia. Guarneceo as bagagens, fez preparar a artilheria, e o tempo que o inimi-

Anno
1644

Oração
do Barão
de Molin-
guen.

„ tareis morte infallivel, que vida affrontosa. E não vos
 „ peço que observeis as minhas acçoens, porque fio tan-
 „ to do alentado espirito, que a todos vos anima, que
 „ espero achar em cada braço vosso hum conselheiro pa-
 „ ra o mundo, e para commigo: he tempo de acreditar-
 „ des esta opiniaõ. A pelejar, valorosos Portuguezes,
 „ que o inimigo vem chegando: a pelejar, que he o mes-
 „ mo que mandar-vos a vencer. Não estava neste tempo
 „ ociosa a diligencia do Barão de Molinguen, porque em
 „ quanto machava o seu Exercito com vagarosos passos a
 „ attacar a batalha, dizem que fallou aos seus soldados
 „ neste sentido. „ O antigo estylo, animosos soldados,
 „ de persuadir o valor com razoens eloquentes em fi-
 „ milhantes conflictos, perde hoje totalmente o exercicio:
 „ assim porque sempre nos Castelhanos foy vida o pelejar,
 „ e ovencer costume, como por serem os contrarios, que se
 „ nos offiercem, pequeno triunfo para os nossos braços.
 „ Com onze Batalhoens de Cavallaria, como divisamos,
 „ trazendo nós trinta e quatro, e com igual numero de
 „ Infantaria, se resolvem os Portuguezes a esperar a ba-
 „ talha na campanha raza: e tem taõ pouca noticia da ar-
 „ te militar, que, tendo carros para cubrir os flancos, e
 „ a retaguarda, nos deixaõ para investir desembaraçado
 „ o corno esquerdo. Esta desattenção, que observe, me
 „ obriga a levar em huma só linha todo o Exercito: por-
 „ que com esta estendida, e dilatada frente havemos de
 „ conseguir investir com tanto poder, e taõ furiosa-
 „ mente ambos os dous lados do Exercito dos Portugue-
 „ zes, que sem duvida, ou fugiráõ as suas Tropas antes
 „ de avançarmos, ou se aguardarem seraõ desbaratadas,
 „ e ficará depois a Infantaria facil emprego dos nossos
 „ golpes. Nesta confiança vos dou desde logo as graças
 „ do feliz principio com que me hospedais nesta Provin-
 „ cia, beneficio que espero remunerat-vos, sendo com
 „ Sua Magestade Catholica verdadeiro mediador dos vos-
 „ sos interesses, depois de restaurado Portugal, infalli-
 „ vel consequencia da victoria que brevemente consegui-
 „ remos. Segui-me todos, antes que os Portuguezes, ar-
 „ repadidos de aguardar a batalha, nos façaõ, voltando

„ as

as costas, menos gloriosa a victoria. Respondeo a estas razoens a nossa artilheria carregada de balas de morte, e palanquetas com tao furioso impulso, e tao efficaç empregõ, que penetrando todo o Corpo da Infantaria da primeira até a ultima fileira, padecêraõ os officiaes, e Soldados excessivo estrago. Não embarçõ esta primeira desgraçõ o ardor dos Castelhanos; porque tornando-se a compor a Infantaria, depois de dispararem as duas peçõs com pouco effeito, carregou o Baraõ de Molinguen com a Cavallaria do seu lado direito as nossas Tropas do corno esquerdo, que governava o Commisario Geral Gaspar Pinto Pestana, a que assistia o Capitaõ Piper com os 150. Holandezes; os quaes não tendo mais gloria que lograr que a da vida, a desprezãraõ, voltando cobardemente as costas. Cegamente seguirãõ este exemplo as Tropas Portuguezas, e como hum desatino arrasta outros mayores, não só desamparãraõ todos o campo, senãõ que colhendo o costado do Terço de Ayres de Saldanha, o desbaratãraõ, buscando pelo cento delhe caminho o seu temor. Teve o mesmõ successo o Terço de Martim Ferreira, porque os seus soldados novos, e pouco destros arvorãraõ as picas, conhecendo as nossas Tropas, e com esta bizonharia abríraõ passo á sua ruina. Os Castelhanos, reconhecendo a sua fortuna, entrãraõ com a Cavallaria pelo lugar que desamparãraõ as nossas Tropas, e seguindo as mesmas pizadas, penetrãraõ os dous Terços, que ellas haviaõ desbaratado, e matando, e ferindo todos os que encontravaõ, foraõ buscar a retaguarda das nossas Tropas do corno direito, que não haviaõ sido avançadas pela frente; porque o Thenente General da Cavallaria Castelhana D. Francisco Velasco, e o Commisario Geral Pedro Pardo, que governavaõ as Tropas do corno esquerdo dos Castelhanos, vendo o grande progresso que o Baraõ de Molinguen havia conseguido, pelos seus passos intentãraõ alcançar a victoria, havendo tambem reparado nos carros que cobriaõ o nosso costado direito. Porém as Tropas, que assistiaõ daquella parte, considerando a batalha perdida, porque viaõ a Infantaria rota, e a Cavallaria do corno esquerdo retirada,

Anno

1644

Principio
da batalha.Rompem
os Castelhanos o
corno esquerdo.Terço de
Martim
Ferreira
de Ayres
de Saldanha
de Ayres
de Saldanha
de Ayres
de SaldanhaVitoria de
D. João
de CastroRetira-se
a nossa
Cavallaria do
corno direito

Anno
1644

Defor-
dem dos
Castelha-
nos tendo
por certa
a victoria.

Perigo de
Mathias
de Albu-
querque, e
acção glo-
riosa de
Lamorlé.

Valor de
D. Joaõ
da Costa.

Mathias
de Albu-
querque, e
os mais
Cabos re-
fazem o
Exercito.

da, antes de receberem mayor damno, se resolvêraõ a falvar as vidas, atropellando os Cavallos primeiro a propria opiniaõ que a terra alhêa que pizavaõ. Recolheraõ-se a hum bosque de Xevora, rio que lhe ficava visinho, para onde Galpar Pinto se havia retirado. Os Castelhanos, vendo faltar a Cavallaria, a artilheria ganhada, e a Infantaria rota (porque a este tempo todos os nossos Terços se haviaõ confundido) deraõ a victoria por confeguida, e huns occupados em despir mortos, outros em roubar as bagagens, se espalháraõ por toda a campanha. Fora desculpavel este seu engano, se fora possivel esquecerem-se da valorosa Nação com que pelejavaõ, a qual neste dia cobrando nova vida, conquistou immortal gloria. Mathias de Albuquerque acudindo com invencivel valor a todas as partes, lhe matáraõ o cavallo. Vendo Henrique de Lamorlé, valoroso Francez, Capitaõ da sua guarda, o risco do seu General, defendendo-lhe a vida ás cutilladas, e desprezando gloriosamente a sua, se desmontou, e lhe deo o seu cavallo, cobrando depressa, e galhardamente outro. Montado Mathias de Albuquerque, se unio com o General da Artilheria D. Joaõ da Costa, o qual, excedendo a todo o encarecimento, havia pelejado como destrissimo Capitaõ, e como soldado de valor incançavel discorria por todas as partes, unindo estes, e animando aquelles, e encontrando-se com hum Capitaõ de Cavallos Castelhanao se investiraõ, matou-o ás estocadas, e recebeu das suas mãos huma grande cutillada na cabeça: querendo a fortuna que o mesmo sangue servisse ao seu valor de esmalte, e de coroa. Tanto que se encontraraõ elle, e Mathias de Albuquerque, deliberaraõ restaurar o damno padecido, ou sacrificar as vidas a taõ glorioso empenho. Ajuntaraõ-se com os Mestres de Campo Luiz da Silva, Joaõ de Saldanha, Francisco de Mello, e Martim Ferreira, os quaes com valor extraordinario haviaõ pelejado, e com o Thenente de Mestre de Campo General Diogo Gomes de Figueiredo, que teve grande parte no successo deste dia, e tornáraõ a unir os Terços, compondo-se os Corpos que formavaõ dos soldados, de todos elles sem distincão. Com esta gente, e

20. Cavallos de varias Tropas, que ajuntou Henrique de Lamorlé, avançou Mathias de Albuquerque, e os que o acompanhavaõ, com as espadas na mão, contra os Castelhanos, que andavaõ divididos despindo mortos, e roubando carros: tornáraõ logo a restaurar a artilheria que haviaõ perdido, e fazendo-a D. João da Costa voltar brevemente contra o inimigo, jogou com maravilhoso effeito. Vendo os Castelhanos, que eraõ investidos dos mesmos que julgavaõ sepultados, se assombráraõ de forte, que depois de refistirem alguns menos occupados do receyo, foraõ todos desbaratados; e não dando a ira lugar á misericordia, negáraõ os nossos soldados quartel a todos os inimigos que encontravaõ. Marcháraõ com este furor depois de seis horas de conflicto, e obrigáraõ ao Barão de Molinguen a passar Guadiana com nove Tropas, e tres Terços, que pode ajuntar dos que fugiaõ, e com tanto desacordo se arrojáraõ os Castelhanos ao rio, que muitos levou a corrente. Eraõ tres horas da tarde quando se acabou a batalha. Mandou Mathias de Albuquerque tocar a recolher, formou os Terços, fez ajuntar os feridos, accommodou-os nos carros, e esteve formado na campanha até cerrar a noite; porque lhe não ficasse circumstancia alguma de victorioso. Em quanto durou a batalha, se havia ajuntado no bosque de Xevora a mayor parte da nossa Cavallaria, que se tinha retirado, e havendo entre os Officiaes votos que tornassem a buscar o inimigo, antes de tomarem resolução, ouviraõ disparar a nossa artilheria quando a recuperámos, e infelizmente inferiraõ que era salva com que os Castelhanos celebravaõ a victoria. Obrigados desta supposiçaõ, detiveraõ o primeiro impulso, e mandáraõ oito Alferes a reconhecer a campanha da batalha; e como estes chegando ao Exercito viraõ conseguida a victoria, não tornáraõ a voltar, e as Tropas tardando-lhe o aviso, se retiraraõ para Campo Mayor. Mathias de Albuquerque tanto que cerrou a noite, se pôs em marcha, e mandou diante ao Mestre de Campo João de Saldanha com o seu Terço a segurar o porto de Xevora, onde Mathias de Albuquerque chegou na madrugada do dia seguinte, e achou en-

Anno
1644

Restauraõ
a artilhe-
ria, e des-
barataõ os
Castelha-
nos.

Retira-se
o Barão,
e passa
Guadiana.

corpo-

Anno 1644
 Perda dos Portuguezes.
 Morrem os Mestres de Campo Ayres de Saldanha, D. Nuno Mascarenhas, e outros Fidalgos.
 Fidalgos, e Officiaes prisioneiros.

corporada com Joaõ de Saldanha a Cavallaria, que havia voltado de Campo Mayor. Depois de algumas horas de dilação, marchou o Exercito para esta Praça, levando menos 900. soldados entre mortos, e prisioneiros. Os mortos de mayor posto, e qualidade foraõ os Mestres de Campo D. Nuno Mascarenhas, e Ayres de Saldanha, os quaes pelejaraõ largo espaço com valor insigne, e acçoens dignas de eterna memoria: Joaõ de Saldanha da Gama Capitaõ de Cavallos, estimado em todo o Exercito pelo grande valor, e heroicis partes de que era dotado: Bartholomeu de Saldanha, Capitaõ de Infantaria, Rodrigo Starch, Capitaõ de Cavallos Holandez, e os Sargentos móres Jeronymo Ferrete, e Belchior do Crato, oito Capitães de Infantaria, e outros Officiaes. Os prisioneiros que leváraõ, logo que se começou a batalha, foraõ o Mestre de Campo Eustaquio Figue, os Capitães de Cavallos Fernaõ Pereira, e o Conde Francisco Fiasco Genovez, Manoel de Saldanha, Jorge de Mello, e D. Francisco de Almada Capitães de Infantaria; Nuno da Cunha, e Francisco Correa da Silva, que serviaõ de Soldados, com muitas feridas, e D. Diogo de Menezes Capitaõ de Cavallos: o qual antes de se começar a batalha, recebeu huma balla em huma perna que encobrio aos seus soldados, e investio logo taõ valorosamente as Tropas inimigas, que rompendo com alguns soldados as que achou diante, veyo a cair com cinco feridas mortaes na retaguarda de todas, e ficando na campanha toda a noite entre os mortos, foy o dia seguinte despido pelos Paizanos de Lobon, e reconhecendo que estava vivo, o leváraõ em hum carro com excessiva molestia a Badajoz, onde o curáraõ com taõ pouco cuidado, que depois de hum anno que esteve na cadêa da Cidade de Carmona, veyo a morrer em sua casa das feridas que recebeu na batalha. Os mais prisioneiros padecêraõ em Granada os excessos mais escandalosos, que em tempo algum se experimentáraõ entre Catholicos, prevalecendo o odio contra a piedade, e commiseração, de que sempre foraõ dotados os Castelhanos. Perdêraõ elles na batalha os Mestres de Campo D. José de Pulgar, D. Francisco de

Perda dos Castelhanos, e armas que deixáraõ.

de Luna, Corregedor de Badajoz, D. Diogo Giralдино irlandez, e Joaõ Rodrigues de Oliveira Portuguez: nove Capitães de Cavallos, çuarenta e cinco de Infantaria: outros muitos Officiaes, e mais de tres mil soldados. Fora mayor a perda, se a nossa Cavallaria voltára á batalha, como no bosque teve determinado. Recolheo Mathias de Albuquerque 4500. armas dos Castelhanos mortos, e dos que as largáraõ quando fugiráõ.

Esta foy a primeira batalha que depois da Acclamação os Portuguezes ganháraõ aos Castelhanos: e consideradas as notaveis circumstancias della, merece ser celebrada por huma das mais insignes acçoens, que tem acontecido no mundo. Porque poucas vezes se tem visto ficar vencedor, Exercito, que no principio da batalha foy taõ destarataado; e he certo que nem os nossos soldados souberaõ dar-lhe principio, nem os Castelhanos acabá-la, como depois confessou o Marquez de Torrecusa. De todos os que a ganháraõ se referem tantas acçoens heroicas, que he impossivel o particularizá-las, e basta o successo para elogio de qualquer dos vencedores. Chegou a nova da victoria a Lisboa, e mandou ElRey solemnizá-la com grandes festas; e repartindo as noticias pelas Naçoens, cobráraõ mayor reputação as suas Armas. O Marquez de Torrecusa não conseguiu mayor allivio, na desgraça que padeceo o Exercito que governava, que não se haver achado na batalha, e em addivinhar o futuro, colheo o fructo das experiencias militares, que em tantos annos de guerra havia grangeado. Applicou-se com grande attenção a levantar Infantaria para tornar a formar os Terços, e a comprar cavallos para remontar as Tropas. Huma, e outra diligencia conseguiu brevemente, acudindo com grande promptidaõ a remediar o damno padecido. Vendo-se o Marquez com poder bastante para procurar alguma satisfação, ajuntou 5000. Infantes, e 1800. Cavallos, e entregando-os ao Baraõ de Molinguen, o mandou que fosse a queimar as Aldéas de Santo Aleixo, e Cafára, visinhas á Praça de Moura. O Monteiro n.ór, que ja estava em Oliverça, teve aviso de que o inimigo ajuntava poder: deo conta a Mathias de Albuquerque, a quem

Anno
1644

Chega a ElRey a nova da victoria, que manda celebrar com demonstraçoes publicas.

Faz ElRey mercê a Mathias de Albuquerque do Titulo de Conde de Alegrete.

ElRey

Anno
1644

El Rey pela victoria alcançada havia feito mercê do Titulo de Conde de Alegrete. Havia elle de Campo Mayor passado a Elvas: tanto que recebeo esta noticia, despedio logo a D. Francisco de Sousa, ja naquelle tempo Conde do Prado, e a Diogo Gomes de Figueiredo com os seus Terços, e duas Tropas, a guarnecer Moura, fazendo primeiro aviso a D. Henrique Henriquez, que governava aquella Praça, do poder que o inimigo ajuntava, para que estivessem prevenidas todas aquellas que recebessem esta noticia. Quando ella chegou a Santo Aleixo, ja o inimigo vinha perto da Aldêa, e não tiveraõ os moradores mais tempo para se prevenirem, que o que bastou para guarnecer a fraca trincheira, que a cercava, e hum pequeno, e mal defendido reducto que rodeava a Igreja. Achavaõ-se na Aldêa 200. homens, que podiaõ tomar armas, governados pelo Capitaõ Martim Carrasco; e não estavaõ as Aldêas guarnecidas de Infantaria paga, porque o Conde de Alegrete havia mandado despovalas, e passar a gente a Moura, ordem que elles não quizerãõ executar, fiados na resistencia que haviaõ feito ao inimigo. Chegou o Baraõ de Molinguen a Santo Aleixo a 12. de Agosto ao romper da manhaã: mandou logo avançar a trincheira, rebatêraõ os defensores o primeiro impulso á custa de muitas vidas dos Castelhanos, mas arimando-lhe escadas por varias partes, foy entrada, e o Capitaõ se recolheo mal ferido com 60. homens ao reducto da Igreja. Avançou-o logo o inimigo; porém foy com tanto valor defendido, que fazendo os Castelhanos, para chegar com menos perigo, barbaro escudo das mulheres que acháraõ na Aldêa, ligadas por estreitos parentescos com todos os que defendiaõ o reducto, elles com desusada constancia atiravaõ sem piedade nem reparo, passando-lhes as balas, que empregavaõ nas mulheres, primeiro os proprios coraçoes que os peitos dos inimigos. Experimentando os Castelhanos que lhe não aproveitava, esta impia astucia, arrimáraõ por tres partes mantas ao reducto, mas em quanto picavaõ a parede, as pedras das sepulturas, que de cima lançavaõ os defensores, lhes servia de instrumento para a morte, buscando estas os vivos pa-

pára matar, assim como outras esperão os que haõ de ser sepultados. Vendo os de Santo Aleixo que não podiaõ defender o reducto, se recolhêraõ á Igreja, donde cerradas as portas fizerão nova resistencia: romperaõ-nas os Castelhanos com hum petardo, e fubiraõ os poucos Paizanos, que estavaõ dentro, á torre dos sinos, e tecto da Igreja. Entrou nella o Baraõ, e passando á Capella mór a guardar o Sacrario, lhe valeo esta devota attençaõ: porque os soldados, que andavaõ roubando o fato que estava na Igreja, sem repararem em alguns barriz de polvora que havia nella, deraõ causa á prender o fogo em todos, cahio o tecto, e perecêraõ juntamente os Castelhanos que se achavaõ debaixo, e os Portuguezes que estavaõ em cima. Livrou Deos a piedade do Baraõ na abobeda da Capella mayor, ficando-lhe para memoria do beneficio hũa pequena ferida na cabeça. Constou que os Castelhanos perdêraõ 700. homens, e que os moradores de Santo Aleixo morrêraõ quasi todos. Desta Aldêa passou o Baraõ a Casara: porê m não tendo estes moradores tanto valor como os de Santo Aleixo, se rendêraõ, promettendo-lhes os Castelhanos quartel que depois lhes negáraõ, matando muitos, e roubando todos; com que lhes fora menos caro perderem a vida com mais honra. O Baraõ de Mollinguen, mandando recolher as Tropas, que havia despedido a correr os campos de Moura, e Serpa, se retirou a Badajoz. O Conde de Alegrete, logo que despedio o Conde do Prado para Moura, ajuntou com toda a brevidade a guarniçaõ das Praças visinhas, e passou ordem a toda a gente da Provincia para que se fossem incorporar com elle a Moura. Marchou para aquella Praça a buscar o inimigo; no caminho recebeu aviso de que era retirado, e voltou para Elvas, e logo ordenou ao Monteiro mór que com a Cavallaria, e Infantaria de Olivença fosse queimar Salvaleaõ, lugar grande, cinco legoas desta Praça. Assim o executou, e no mesmo tempo mandou o Conde de Alegrete a D. João de Sousa irmão do Conde do Prado, e a Diogo Gomes de Figueiredo, ambos feitos Mestres de Campo depois da batalha de Montijo, com os seus Terços, a queimar a Villa de S. Vicente, situa-

Anno
1644.

Ganha o
Baraõ São
to Aleixo
depois da
valorosa
resisten-
cia, e Ca-
sara.

Queima o
Monteiro
mór Sal-
valeaõ.

Anno
1644.

Ganha-se
S. Vicen-
te.

Sahe de
Olivença
o Montei-
ro mór,
manda D.
Francisco
de Azeve-
do armar
as Tropas
de Tala-
vera.

da entre Valença de Alcantara, e Albuquerque, levando juntamente 150. Cavallos. Chegárao á Villa, que era grande, e rica, achárao os moradores com as armas nas mãos: porém não lhes valendo a resistencia, foy a Villa entrada, e saqueada. Retirárao-se carreando grande preza daquella campanha. Veyo buscá-los ao caminho o Governador de Albuquerque com 400. Cavallos, e hum Terço de Infantaria: investio-os pela retaguarda, onde marchava D. João de Souza; porém elle rebateo tão valorosamente aquella resolução, que fez retirar os Castelhanos, levando alguns feridos, e recolheo-se a nossa gente a Alegrete satisfeita com os despojos do inimigo do trabalho da jornada. Passárao alguns dias em que não houve mais occasioens que algumas entradas pequenas de huma, e outra parte. Em huma que os Castelhanos fizerao pela parte de Campo Mayor com 60. Cavallos, procedeo valorosamente o Capitão Manoel da Gamma: porque os investio com 20. da sua Companhia, e os obrigou a se retirarem, recolhendo-se com alguns prisioneiros, e duas bñlas em hum braço. Soube neste tempo o Conde de Alegrete que se alojavao em Talavera, duas legoas acima de Badajoz, tres Companhias de Cavallos, as quaes costumavao fahir com pouca cautella a qualquer rebate, na confiança de terem o soccorro pouco distante. Ordenou o Conde ao Monteiro mór, que sahisse de Olivença a armar a estas Tropas com 600. Cavallos, e dous Terços de Infantaria governados pelo Mestre de Campo Francisco de Mello. Sahio de Olivença o Monteiro mór, e avançou o Capitão D. Francisco de Azevedo com 200. Cavallos com ordem, que se embofcaste no lugar mais visinho a Talavera, que lhe fosse possível, e que sahindo as Tropas provocadas de algumas prezas, que junto da Praça haviaao de fazer poucos Cavallos, pelejasse com ellas, e que desbaratando-as, se podia retirar sem perigo da Cavallaria de Badajoz, porque na ribeira de Valverde o ficava aguardando. Marchou D. Francisco, e avançando o Thenente Francisco Liotte com 20. Cavallos a pegar em algum gado que andava na campanha, sahiraao a defendê-lo as tres Tropas com 150., e o Thenente com

mui-

muita destreza os veyo metter na emboscada. Investio D. Francisco com tanta resoluçao os Castelhanos, que voltaraõ as costas: seguiu-os ate Talavera, e tomou-lhes 120. Cavallos, entrando nos prisioneiros os Thenentes, e Alferez das Companhias. Brevemente chegou a Badajoz a noticia deste successo: mandou logo o Marquez de Torrecusa sair o Baraõ de Molinguen com 600. Cavallos, e ordenou-lhe que marchasse direito a ribeira de Valverde, porto certo que haviaõ de buscar as Tropas que haviaõ ido a Talavera. Marchou o Baraõ com toda a diligencia, mas primeiro chegou D. Francisco a se incorporar com o Monteiro mór. Foy recebido com grande applauso, e o contentamento embaraçou desórte a prudencia, que sendo conveniente passarem logo o rio as Tropas, e Terços, para ficarem livres de novo empenho, se detiveraõ com infelice curiosidade em examinar as ruinas de Valverde, e deraõ com esta dilacao tempo ao Baraõ de Molinguen a chegar a vista dellas. Tocaraõ as da vanguarda vivamente arma, e o primeiro rebate introduzio desórte a confusao, que havendo passado a ribeira o Terço de Francisco de Mello, e parte do de Eustaquio Pique, as Tropas, que estavaõ todas por passar o rio, fizeraõ alto com as caras nelle, e deixaraõ com a frente aos inimigos tres Companhias de paizanos montados em egoas que vinhaõ de retaguarda. Eites, tanto que viraõ que os Castelhanos chegavaõ perto, sem haver respeito que os detivesse, passaraõ a ribeira, e fugiraõ para Olivença. Comunicou a sua desordem tal embaraço nas outras Tropas, que espalhando-se entre todas huma voz que dizia, que se retirassem a bom passo, lhe obedeceraõ com tanta pressa, que naõ valendo o respeito do General, nem dos Officiaes, e Fidalgos, que quizeraõ detê-los, a redea solta caminhaõ para Olivença. Naõ tardou o Baraõ de Molinguen em se valer deste desatino; carregou furiosamente: porêm detido de algumas cargas que deo a Infantaria que estava no porto, sobreveyo a noite, que servio de total remedio aos que fugiraõ: porque os Castelhanos ainda que passaraõ a ribeira em outro lugar, recendo os accidentes, que costuma originar o escuro,

Anno
1644.

Desbarata
D. Francisco as
Tropas.

Chega o
Baraõ de
Molinguen com
as Tropas
de Badajoz.

Foge a
nossa Cavallaria.

Força
de Olivença.

Em quanto duravaõ os successos repetidos, e outros de menos importancia, preparava o Marquez de Torrecusa todas as forças da Estremadura, a que unia novos soccorros que ElRey Catholico lhe mandava, por lhe haver vivamente proposto a grande utilidade que podia conseguir a sua Coroa, formando-se hum grande Exército para entrar em Portugal; porque não só seria facil ganhar com elle huma Praça importante, que levasse traz li a mayor parte da Provincia de Alemtejo, senão que seria infallivel passarem-se para este Exército todos os Portuguezes mal satisfeitos do novo governo, e que só se detinhaõ em Portugal, por lhe faltarem meynos para poderem assistir em seu serviço: e que a esta se ajuntavaõ outras muitas consequencias politicas, que descobriria o tempo, depois de entrado o Exército nos Lugares de Portugal. Tratou o Marquez, para fazer virifimil esta idéa, de publicar contra a ordem commúa da guerra, não só o Exército que formava, mas outro muito mayor que encarcia. Tendo o Conde de Alegrete este aviso, deo conta a ElRey, e promptamente se dispuzeraõ todas as prevençoens, de que dependia a defensiva da Provincia de Alemtejo. Tiveraõ ordem os Governadores das Armas de todas as Provincias do Reino, para terem prevenidos grandes soccorros; fizeraõ-se levas de Cavallaria, e Infantaria, e partio de Lisboa a mayor parte da Nobreza, não querendo exceptuar-se nem aquelles a quem a idade dispensava o descanço de suas casas. A actividade, e diligencia delRey conseguiu acharem-se em Alemtejo no principio do Outono promptos todos os meynos da defensiva. Entrou o Inverno sem haver da parte de Castella mais que algúas apparencias de sahir o Exército. Suppõs desta dilacão o Conde de Alegrete que haviaõ faltado ao Marquez de Torrecusa os soccorros que esperava, e que não seria possivel resolver-se a sahir em campanha no rigor do Inverno, sujeitando-se a padecer as incommodidades que experimentavaõ os Exercitos, que cegamente se arrojaõ a navegar na terra depois de cahir dos Ceos a multidão das agoas. Assentando o Conde de Alegrete por infallivel esta idéa, licenciou as Tropas, e dividio as guarniçoens

Anno
1643.

Preven-
çoens dos
Castelha-
nos.

Preven-
çoens dos
Portu-
guezes.

Anno
1644.Exercito
de Castella.

pouco antes dos ultimos dias de Novembro. Differio o arrependimento taõ poucas horas desta execuçaõ, que a 28. do mez referido passou o Marquez de Torrecusa a ponte do Guadiana em Badajoz com o Exercito de Castella, que se compunha de doze mil Infantes, e 2600. Cavallos: a Infantaria dividida em nove Terços, sete de Hespanhoes, hum de Italianos, outro de Irlandezes: a Cavallaria repartida em 36. Esquadrões: dous mil gastadores, 10. peças de artilheria, dous morteiros, o trem necessario, e as bagagens convenientes. Marchou o dia seguinte este Exercito com a frente em Campo Mayor, fez alto junto ao rio Caya, alojamento em que se deteve aquelle, e o seguinte dia, conseguindo na dilataçõ reduzir o seu Exercito a toda a regularidade, e embarçar as resoluções do Conde de Alegrete com a inteireza da sua determinaçõ, detendo as guarnições de todas as Praças até ver qual era elegida para ser sitiada. Naõ podia o Conde penetrar este desingnio, porque o Marquez de Torrecusa até este tempo naõ tinha tomado a ultima resoluçõ da empreza, a que se havia de arrojãr. Mandou antes de sahir em campanha reconhecer Olivença: porẽm naõ lhe parecendo desempenho capaz da palavra que havia dado a El Rey Catholico de conseguir grandes progressos, passou com o Exercito desta parte do Guadiana, ficando só a duvida entre Campo Mayor, e Elvas, porque o rigor do Inverno prohibia marchas mais dilatadas. Depois de grandes debates que houve no Conselho, deliberou o Marquez sitiar Elvas levado naõ só da reputaçõ que esperava conseguir, ganhando a Praça de Armas de seus inimigos, onde assistiaõ todos os Cabos do Exercito, e a mayor parte da Nobreza de Portugal, senaõ das muitas consequencias que levava consigo o felice fim desta empreza; pois aruinando-se esta muralha, ficava aberta, e sem defenõsa quasi toda a Provincia de Alemtejo, principal segurança da Monarchia Portugueza. Tomada esta resoluçõ, continuou o Marquez a marcha, e chegou a Elvas o primeiro de Dezembro, dia infausto para a Naçõ Castellhana, sendo o mesmo em que quatro annos antes havia sido El Rey D. Joaõ acclamado Rey de Portugal. A Cidade

Chega a
Elvas o
Marquez
de Torrecusa.

de

de Elvas não fica de Badajoz mayor distancia que a de tres legoas: divide as duas Cidades o rio Guadiana, que nasce da Lagoa Ruidera no Reino de Granada, quatro legoas de Montiel, e com grande maravilha se sepulta perto do lugar de Argamancilha, e correndo sete legoas (segundo Alfeo) pelo centro da terra, se manifesta outra vez junto a Doumiel, entra a regar as terras de Portugal, quando chega a banhar as muralhas de Badajoz, corta a Provincia de Alemtejo, e perde o nome no mar Oceano, entre as Villas de Castromarim no Reino do Algarve, e a de Aya-Monte do Reino de Andaluzia. Huma fertilissima campina coberta de fores odoriferas, e abundante de sazoados fructos se estende entre as duas Cidades: a de Elvas está situada em huma eminencia, suave pela parte que olha a Badajoz, pela opposta que regaõ as agoas do pequeno rio Ceto, he quasi inacessivel: passaõ de 300. as hortas, e pomares, que rodeaõ esta Cidade, alimentados os fructos dellas de excellentes fontes. Todo o mais sitio pouco menos de huma legoa he coberto de oliveiras. Conduzem magnificos, e custosos arcos do lugar da Amoreira, huma legoa de Elvas, quantidade de agoa, de que se alimentaõ mil fogos, todos recolhidos no ambito das muralhas. Quando o Marquez de Torrecusa chegou a ellas, não havia mais que principios da Fortificaçãõ moderna, huma das melhores que hoje celebra Europa: só o Forte de Santa Luzia (de que já démos noticia) estava em defensiva, porém não acabado. Quando chegarmos ao segundo sitio desta Praça, que foy de mayores consequencias, mostraremos a forma da Fortificaçãõ. Achava-se o Conde de Alegrete com dous mil Infantes, no tempo que o inimigo chegou a avistar Elvas, dos Terços de Luiz da Silva, João de Saldanha, e Diogo Gomes de Figueiredo, que assistiaõ com elle. Depois de se aquartelarem os Castelhanos, entrou em Elvas pela parte do Mosteiro de S. Francisco, que fica na estrada de Estremês em huma eminencia pouco distante, o Tenente de Mestre de Campo General João Leite de Oliveira, conduzindo 400. mosqueteiros com grande risco, e louvavel valor. Ao Monteiro mór,

Anno
1644.Sua def.
cripção.Reconhe
ces o mi
migo a
s. p. a.

Anno
1644.

Reconhe-
ceo o ini-
migo a
a Praça.

que estava dentro da Praça, mandou o Conde sair com a Cavallaria, e mulas do trem, ficando só na Cidade os Capitaens D. Francisco de Azevedo, e Henrique de Larmorlé com as suas Tropas. Levava o General da Cavallaria ordem de encorporar em Villa Viçosa os foccorros que ElRey mandasse, para que formado o Exercito se empregasse quando parecesse mais conveniente. A defenfa de mayor importancia que segurava Elvas, eraõ as muitas pessoas da primeira qualidade do Reino que se achavaõ sitiadas. O Conde de Alegrete persuadido das animosas instancias do Conde Camareiro mór, lhe formou hum corpo de 300. Infantes, com o qual desejava finalarse, como sempre executou nas occasioens de mayor risco. Sobravaõ em Elvas mantimentos, e naõ faltavaõ muniçoens: a artilheria estava muito bem montada, e o trem abundava de artificios de fogo, e instrumentos de defenfa. O Conde de Alegrete, antes que o inimigo chegasse a ganhar postos sobre a Praça, mandou ao Mestre de Campo Luiz da Silva, que avançando ao Sargento mór João de Amorim com 300. mosqueteiros até as ultimas tapadas dos Oliveaes, lhe desse calor com o resto do Terço menos desviado da Praça. Era o intento offender as primeiras Tropas dos Castelhanos que viessem avançadas: porêem elles desvanecêraõ a empreza, que pudera ser arriscada, naõ marchando por aquella parte, que era a que olha ao Forte de Santa Luzia, e vieraõ buscar hum sitio visinho da muralha chamada o Cazaraõ, que naquelle tempo naõ estava fortificado, que fica entre a porta de S. Vicente, e a de Olivença, olhando a Campo Mayor. A porta da Esquina entregou o Conde de Alegrete ao Mestre de Campo João de Saldanha, a de Olivença a Diogo Gomes, e a de S. Vicente a Luiz da Silva. Guarnecia cada hum delles a muralha do seu districto; e a gente que sobrava, tinha finalados os postos a que havia de acudir. O Marquez de Torrecusa mandou fazer alto ao Exercito, desviado do perigo da artilheria, e com hum grande Corpo de Cavallaria rodeou, e reconheceo a Praça naõ sem damno, porque a artilheria lhe matou alguns soldados. A tres de Dezembro intentou ganhar o outeiro do Cazaraõ, por fer

fer o fitio mais visinho á Praça, e sem mais defenſa naquelle tempo que a de hum debil, e antigo muro. Luiz da Silva havia mandado occupar o alto do Cazaraõ com algumas mangas de moſqueteiros. Vieraõ eſtas carregadas dos Caſtelhanos, foccorreo-as o Sargento mór Bento Maciel; mas como o poder do inimigo era muito ſuperior, vinha largando o poſto: porêm Luiz da Silva mandando foccorrê-la pelo Sargento mór Diogo Sanches del Poço, valoroſo Caſtelhano, com trezentos moſqueteiros, tornáraõ a deſalojar ao inimigo, finalando-se muitos Officiaes, e ſoldados com acçoens memoraveis. O Marquez de Torrecuſa, fundando na conſervação daquelle poſto todo o bom ſucceſſo daquella empreza, reforçou os corpos de Infantaria, e ao calor de 400. Cavallos tornou a mandar que ſe occupaffe. Havia-se retirado por ordem de Luiz da Silva a noſſa Infantaria, conſiderando o riſco a que eſtava expoſta; e não tendo os Caſtelhanos oppoſiçãõ, occupáraõ aquelle poſto. Porêm os noſſos ſoldados impacientes deſte ſucceſſo, tornáraõ a avançá-los, e tres vezes os deſalojáraõ. Na ultima lhes acudio a Cavallaria, a que ſe oppôs o Capitaõ D. Franciſco de Azevedo com 80. Cavallos, e pelejou taõ valoroſamente, que obrigou as Tropas inimigas a ſe retirarem. Fez o meſmo a ſua Infantaria, que a noſſa deſalojou; e mandando Luiz da Silva tocar a recolher, ſe retiráraõ todos, trazendo D. Franciſco de Azevedo duas grandes, e glorioſas feridas: alguns ſoldados noſſos ſentiraõ o meſmo damno. Os Caſtelhanos tiveraõ conſideravel perda não só na contenda, mas da artilheria do Caſtello, que toda ſem ceſſar jogava contra elles, e de quantidade de barriz de polvora ſeus, em que por deſcuido ſe pegou fogo. Aquella noite ſe fortificáraõ os Caſtelhanos no Cazaraõ. Amanheceo, e mandando o Conde de Alegrete reforçar a guarnição daquella parte, ſahio Luiz da Silva a attacar as trincheiras do Cazaraõ, e repartindo as mangas de moſqueteiros em muito boa fórma, entregou a D. Fernando de Menezes hum Troço de Infantaria para dar calo: ás bocas de fogo, aſſim por ter aſſiſtido ſempre nos lugares mais arriſcados, como por haver aprendido na guerra de Italia as melho-

Anno
1644.

Ataca o
Cazaraõ.

res,

Anno
1644.

res, e mais certas idéas militares. Henrique de Lamorlé dava calor com cem Cavallos á nossa Infantaria. Tanto que esta gente marchou contra a trincheira, sahio a Cavallaria inimiga com intento de cortá-la : oppôs-se-lhe Lamorlé, e ajudado da artilheria do Castello, que fazia consideravel damno nos Castelhanos, os fez retirar, obrigados juntamente das cargas das bocas de fogo. Mandou o Conde de Alegrete recolher Luiz da Silva, não querendo que os Castelhanos com novos foccorros tomassem mayor resolução, e puzessem em contingencia o successo. Ficáraõ alguns soldados mortos, e Lamorlé alegrete em hum braço. O dia seguinte vendo o Conde de Alegrete que o Marquez de Torrecusa applicava todo o cuidado a fortificar o Casaraõ, e julgando por arriscados, e infructuosos os assaltos a peito descoberto, mandou caminhar com hum aproche para aquella parte, trabalho a que deo principio Cosmander assistido de D. Fernando de Menezes. Em adiantar huma, e outra obra se gastataõ os dous dias seguintes sem mais contenda que a das armas de fogo. Ao sexto dia do sitio amanheceo hum reducto levantado contra o Forte de Santa Luzia com seis meynos canhoens, que começáraõ a jogar com pouco effeito, por ser a distancia grande, e mayor damno recebia o reducto da artilheria do Forte, porque lhe ficava superior. Houve alguns votos que persuadiraõ ao Conde de Alegrete a que retirasse a gente do Forte, e que o largasse ao inimigo: porêm elle reconhecendo a importancia daquelle posto, se resolveo a empenhar a sua pessoa em sustentá-lo. Dissuadiraõ-no as instancias de todos os que se achavaõ situados deste valoroso intento, e mandou elle ao Mestre de Campo Diogo Gomes que marchasse com o seu Terço, e tomasse alojamento junto do Forte, e que nos dous lados delle levantasse duas meyas luas, em que pudesse jogar a artilheria, e que communicasse com huma linha o Forte com a porta de Olivença. Começada com grande fervor por Diogo Gomes esta obra, o alleviou do trabalho della o Marquez de Torrecusa: porque a sete de Dezembro á tarde começou a retirar a artilheria, e o dia seguinte, em que se celebra a festa da Conceição de N. Senhora,

de

Resolve
Mathias
de Albu-
querque
sustentar
o Forte
de S. Lu-
zia.

declarada por ElRey D. Joaõ naquelle mesmo dia Padroeira, e Protectora de Portugal, retirou o Exercito, e valendo-se do escuro da noite antecedente, encobrando o ruido da marcha com repetidas cargas, quando amanheceo estava todo o Exercito fóra dos Olivaes, levando de vanguarda a artilheria, e bagagens. Tomou o Marquez de Torrecusa esta resolução aconselhado de todos os Cabos, e Officiaes do Exercito, e da grande difficuldade da empreza; porque além do valor, e disciplina que reconhecia na guarnição da Praça, constava-lhe do grande foccorro que ElRey D. Joaõ lhe prevenia, e o seu Exercito não era taõ numerofo que pudesse cerrar o cordaõ sem muito perigo, por ser muito dilatada a circunvalação daquella Praça, embaraçando-o juntamente o rigor do Inverno, que naquelles dias sem piedade se havia manifestado. O Conde de Alegrete, ordenando primeiro que se descobrissem todos os olivaes, sahio da Praça com a guarnição formada, mandou disparar repetidas vezes a artilheria, e mosquetaria, e ouvindo os Castelhanos estas alegres demonstraçoens de victoria, se recolhêraõ a Badajoz, e o Conde de Alegrete com solemne apparato mandou enterrar muitos corpos, que na campanha deixáraõ sem sepultura. ElRey tanto que lhe chegou a nova de que Elvas estava sitiada, nomeou por Mestre de Campo General do Exercito, que logo mandou prevenir, a Joanne Mendes de Vasconcellos, que por sua ordem assistia naquelle tempo em Olivença; e ordenou que todos os foccorros das Provincias, e as levas que de novo se levantavaõ, se ajuntassem em Villa-Viçosa á ordem de Joanne Mendes. O General da Cavallaria desejou introduzir-se em Elvas com algumas Tropas, esperando acrescentar com ellas o damno aos Castelhanos: porêm o Conde de Alegrete o não quiz permittir, receando os danos que os lugares abertos podiaõ receber, de que os livraria a assistencia da nossa Cavallaria em Villa Viçosa. Retirados os Castelhanos, e desvanecidas as idéas do Marquez de Torrecusa, se suspendêraõ os foccorros, e as levas que marchavaõ para o novo Exercito. Aquarteláraõ-se as Tropas da Provincia, e recolheraõ-se para Lisboa os Fidal-

Anno
1644.

Retira-se
o Marquez
de Torre-
cusa.

Manda El-
Rey pre-
venir o
foccorro á
ordem de
Joanne
Mendes.

gos,